

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E BIBLIOTECONOMIA
COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO**

DAVI DOS SANTOS NASCIMENTO

**O GRUPO COLCHA DE RETALHOS E A CIDADANIA
HOMOSSEXUAL**

GOIÂNIA

2007

DAVI DOS SANTOS NASCIMENTO

**O GRUPO COLCHA DE RETALHOS E A CIDADANIA
HOMOSSEXUAL**

Trabalho apresentado ao Curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás, para Conclusão de Curso de Graduação.

Área de concentração: homossexualidade e movimento social

Orientador: Prof. Dr. Juarez Ferraz de Maia

GOIÂNIA

2007

DAVI DOS SANTOS NASCIMENTO

**O GRUPO COLCHA DE RETALHOS E A CIDADANIA
HOMOSSEXUAL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado no curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás, para a obtenção do título de Bacharel, apresentado em ____ de Dezembro de 2007, na Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Juarez Ferraz de Maia - UFG
Presidente da Banca

Prof. Dr. Joaomar Carvalho de Brito Neto - UFG
Professor Convidado

AGRADECIMENTOS

Ao professor orientador deste trabalho de conclusão de curso, Dr. Juarez Ferraz de Maia pelo direcionamento, esclarecimento e correções competentes que me traziam de volta do mundo fervoroso e apaixonado da militância para seriedade, cientificidade e objetividade. À Magaly Corgozinho, que me ajudou revisando meus textos e corrigindo erros que ocasionalmente deixava passar sem perceber. À Roseneide Ramalho, que por várias horas ao telefone me tirava da angústia e me animava, mostrando que tudo não era tão complicado assim. Ao Prof. Dr. Joaomar Carvalho de Brito Neto por ter aceitado meu convite para participar da mesa de defesa deste trabalho.

Aos meninos e meninas do grupo Colcha de Retalhos. Por tudo que passamos nesses dois anos e meio de lutas e batalhas em nome da cidadania e do respeito à diversidade. Em especial ao Robson dos Santos Almeida, meu grande amigo, por ajudar a direcionar minha linha de pensamento e ao Marcelo Perilo que me guiava nos pequenos detalhes e dados do Colcha que muito enriqueceram meu trabalho. À minha mãe e meu irmão pelo apoio incessante.

“Ao permitir que o Colcha de Retalhos construa indivíduos que vão, a partir dessa militância, intervir concretamente nas demais instâncias, seja em sala de aula, seja ela em grupos de movimento social, seja na sociedade civil, qualquer que seja a instância, é possível pensar que o grupo fomenta essa cidadania. Essa possibilidade de galgar posições mais próximas do que seria uma cidadania plena. Não pensando na cidadania da lei, que é a dos deveres e direitos, mas numa cidadania de estar ciente de uma não plenitude de direitos, uma não plenitude de possibilidades de se sentir contemplado como indivíduo, numa sociedade que coercitiva, e penaliza as pessoas por questão de orientação sexual, classe, raça, gênero, etnia”.

Mateus, membro do Colcha de Retalhos.

RESUMO

Este trabalho discute as ações do grupo Colcha de Retalhos, um coletivo formado por jovens universitários que atuam na Universidade Federal de Goiás, defendendo a livre expressão de orientação sexual e identidades de gênero, sendo anti-hierárquico, horizontal, suprapartidário, independente, não identitário, aproximando-se de uma perspectiva *queer*. O objetivo é verificar se este coletivo é um promotor da cidadania e como ele a promove. A partir de pesquisa em documentação virtual (e-mails e fóruns de discussão) e entrevistas com os membros do coletivo, este trabalho descreve reuniões, palestras, congressos, festas e atos públicos realizados pelo Colcha de Retalhos. O trabalho também passa pelo histórico do grupo e aborda a realidade social da comunidade universitária em relação à diversidade sexual na época em que o coletivo fora criado. Conclui-se que o Colcha de Retalhos tem uma função notável na construção da cidadania e defesa dos direitos humanos, uma vez que suas ações políticas garantem visibilidade a questões como homofobia, machismo e racismo, atuando como arma influente na promoção do respeito às diferenças.

Palavras-chave: movimento social, movimento homossexual e cidadania

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 MOVIMENTO SOCIAL, HOMOSSEXUALIDADE E HOMOFOBIA	11
1.1 Movimento Social.....	11
1.2 Direitos Humanos e Cidadania.....	13
1.3 Orientação Sexual e Homossexualidade	15
1.3.1 Gays	17
1.3.2 Lésbicas	17
1.3.3 Bissexuais	17
1.3.4 Transgêneros.....	18
1.3.5 Travestis	18
1.3.6 Transexuais.....	19
1.4 Movimento GLBT	20
1.4.1 Homofobia	22
2 A CRIAÇÃO DO GRUPO COLCHA DE RETALHOS	25
2.1 Metodologia de pesquisa	25
2.2 Histórico	26
2.3 Organização interna	28
3 AS AÇÕES PROMOVIDAS PELO GRUPO	32
3.1 Reuniões	32
3.2 Palestras, conferências e mesas redondas	33
3.2.1 PreParada	34
3.2.2 Calourada	35
3.3 Festas.....	36
3.4 Atos públicos	38
3.5 Encontro Nacional Universitário de Diversidade Sexual	41
4 CONCLUSÃO	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	45
APÊNDICE: entrevistas	47
ANEXOS	66

INTRODUÇÃO

Na condição de estudo de caso, este trabalho se propõe a analisar a diversidade sexual e a promoção de cidadania sob o prisma das ações do coletivo “Colcha de Retalhos - A UFG Saindo do Armário”. O grupo em questão se define como um coletivo universitário organizado, não-hierárquico e suprapartidário; uma tentativa de organização de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros¹ no intuito de visibilizar esta população e legitimar a luta, dentro e fora da Universidade Federal de Goiás, por políticas que contemplem as demandas do movimento.

Desde 2005, ano em que nasceu o Colcha de Retalhos, o coletivo se preocupa em levar para o meio universitário a discussão sobre homossexualidade e identidades de gênero, tanto por meio da pesquisa científica como, principalmente, no âmbito político-militante a partir de ações concretas de mobilização e conscientização. O grupo tem como principal bandeira o combate à homofobia, termo que define o preconceito contra homossexuais e que será melhor explicado no primeiro capítulo deste trabalho.

Por comprovar empiricamente que o meio acadêmico reproduz a postura negativa que a sociedade mantém em relação à homossexualidade e que este, tanto quanto a sociedade na qual está inserido, se vale dos instrumentos de opressão contra a diversidade sexual, o coletivo age dentro da UFG no sentido de combater a lógica do preconceito e intolerância que permeia os campi, embutida nos discursos e valores sociais de professores, alunos e servidores.

A coletividade se mostra de grande importância na defesa da cidadania. O respaldo de outras vozes é uma necessidade, pois legitima a atividade política e garante apoio à vítima do preconceito. Em grupo, o poder de mobilização aumenta sobremaneira e, por consequência, coletivizados, os indivíduos aumentam também a potencialidade de modificação da sociedade. Utilizando-se do coletivo “Colcha de Retalhos – a UFG saindo do armário” como sujeito do estudo, este trabalho pretende verificar de que maneira é feita, no ambiente da Universidade Federal de Goiás, a defesa pela diversidade sexual e equidade de gênero. Assim,

¹ A partir deste momento usarei a sigla GLBT quando me referir a gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros. Aglutinando os três últimos sujeitos em apenas um e diferenciado-se do termo “GLS” (gays, lésbicas e simpatizantes) que não dá visibilidade aos demais sujeitos políticos da diversidade sexual.

essa pesquisa se concentra em uma inquietação central: O Colcha é agente promotor da cidadania homossexual?

Como fonte de pesquisa, foram utilizados documentos virtuais retirados da lista de discussão no site *Yahoo! Grupos* e do fórum de debate “Colcha de Retalhos – UFG” encontrado no site de relacionamentos *Orkut*, ambos fundados pelo coletivo. Também foram obtidas entrevistas gravadas com membros do grupo entre 10 e 14 de setembro de 2007. Para preservar a identidade das fontes, foram utilizados nomes fictícios. As transcrições desse material encontram-se no apêndice deste documento.

No primeiro capítulo encontram-se definições que constituem a base teórica que sustenta o trabalho. Nele, consta o conceito de movimento social como um coletivo que busca defesa ou promoção de objetivos comuns a certo grupo perante a sociedade e o Estado. Delimita-se o que é cidadania e direitos humanos como sistema de leis e normas referentes ao respeito à vida e à dignidade. Define-se também os termos orientação sexual e homossexualidade como vetor de atração afetivo-sexual por pessoas do mesmo sexo; e trabalha-se na desmistificação do conceito de “anormalidade”, que trata por estranha ou incoerente qualquer outra sexualidade que não a dominante (heterossexualidade). Ainda no primeiro capítulo, delimitam-se os conceitos de gays, lésbicas, bissexuais; e variações de identidade de gênero como travestis, *drag queens* e transexuais. No final desta parte, o foco é a origem do movimento GLBT no Brasil, suas reivindicações e objetivos alcançados, além da definição do conceito de homofobia.

O segundo capítulo apresenta um breve histórico do “Colcha de Retalhos – a UFG saindo do Armário”, descrevendo sua fundação em 2005, a organização interna, a postura não-identitária e a carta de princípios que regem o coletivo.

O terceiro capítulo foi reservado para a descrição das ações do Colcha de Retalhos: suas manifestações públicas; o protesto no Banana Shopping em Goiânia; suas festas e confraternizações chamadas de “socializations”; a promoção de palestras com grandes pesquisadores e militantes das causas GLBT, gênero e raça; a metodologia das reuniões deliberativas; as “calouradas” para receber recém-ingressos na universidade; a PreParada e as paradas do orgulho GLBTs feitas dentro dos campi. Também no terceiro capítulo há um espaço dedicado ao Encontro Nacional Universitário de Diversidade Sexual (Enuds), evento organizado e executado pelo Colcha de Retalhos, realizado em Goiânia entre os dias 11 e 14 de outubro deste ano.

A realização deste trabalho foi motivada pela necessidade de inserção da temática Cidadania Homossexual dentro da universidade. Supostamente um local de vanguarda do conhecimento, esta deveria ser um ambiente de respeito às diferenças e igualdade de direitos, o que, como supracitado, não acontece. Os homossexuais que estudam e trabalham na Universidade Federal de Goiás são condicionados à invisibilidade e proibidos de expor seu afeto em público.

Dentro dos limites de alcance, espera-se que este trabalho exerça uma função social de conscientização para o respeito às diversidades dentro e fora do meio acadêmico. Assim, versando sobre diversidade sexual, esta monografia representa uma ação do autor em defesa da cidadania dessa população específica.

CAPÍTULO 1

MOVIMENTO SOCIAL, HOMOSSEXUALIDADE E HOMOFOBIA

1.1 – Movimento social

De acordo com o conceito de Castells (1999, p.40), os movimentos sociais são sistemas de práticas sociais contraditórias, isto é, que controvertem a ordem estabelecida a partir das contradições específicas dos problemas sociais. Estas se referem a uma série de situações da vida cotidiana, tais como habitação, acesso a serviços coletivos na área de educação, saúde, cultura, lazer, transportes etc. A expressão “movimento social” é usada para denominar organizações que têm como finalidade criar formas de associações e coletivos entre pessoas e entidades para a defesa ou promoção de certos objetivos perante a sociedade e o Estado. Caracterizam-se por atuarem de forma explícita e evidente no ambiente político. Suas atividades se desenvolvem de forma pacífica (por meio de passeatas, atos públicos, simbólicos e cívicos, *lobby* junto a representantes eleitos, promoção de ações judiciais), e também com manifestações violentas, arbitrárias e/ou polêmicas (ocupações de propriedades, acampamento em prédios de órgãos públicos, conflitos armados etc.).

A ação política coletiva que vai além do individualismo para a busca de um bem maior para todos seria a definição básica do movimento social. Segundo TOURAINE (1998):

Sua utilidade vem à tona quando coloca em evidência a existência de um tipo particular de ação coletiva, aquele tipo pelo qual uma categoria social, sempre particular, questiona uma forma de dominação social, simultaneamente particular e geral, invocando contra ela valores e orientações gerais da sociedade, que ela partilha com seu adversário, para privar este de legitimidade. (TOURAINE, 1998 p. 113)

TOURAINE (1994, p.246) afirma que o indivíduo dentro desta sociedade não é constituído como sujeito e sim moldado pelo poder que define e sanciona papéis e posturas públicas e privadas. E estes moldes não são neutros, éticos ou técnicos e resultam em indivíduos submissos aos que dirigem a economia, a política e a informação. A solução para este problema é se opor à lógica de dominação social em nome de uma lógica da liberdade:

É a recusa de uma imagem artificial da vida social como máquina ou organismo, crítica feita, não em nome de princípios transcendentais, mas em nome da livre produção de si mesmo que leva a afirmar o sujeito e seus direitos em um mundo onde o ser humano é transformado em objeto. (TOURAINÉ, 1994, p. 247)

Alain Touraine ainda afirma que o movimento social só existe como fonte de integração social de forma utilitarista para a contestação da lógica da ordem, contestação essa que retoma ao conceito de desobediência civil citado por LEONELLI (2002, p.36), que afirma que o ato da transgressão das leis induz o legislador a mudar a ordem vigente, com a peculiaridade de ser uma ação muito mais inovadora do que destruidora.

Analisando a evolução do movimento social, PERUZZO (1998) cita quatro momentos diferenciados:

Mobilização: nesta fase a população começa a se manifestar e ocupar espaços públicos em formato de passeatas, por exemplo, para se opor, denunciar e reivindicar.

Organização: na fase seguinte estas manifestações se organizaram em associações mais específicas e localizadas com o objetivo de fortalecer o movimento. Uma institucionalização do movimento social surgiu nesta fase marcada pela criação de estatutos, formações políticas dos participantes e busca de uma sede física.

Articulação: nesta etapa houve um crescimento e uma necessidade de somar forças para alcançar melhor os objetivos. Organizações diferentes, mas que possuíam as mesmas reivindicações, se uniram em federações, conselhos e fóruns. Foi nesta fase que começou a mudança de ideologia onde o estado deixou de ser o inimigo e passou-se propor discussões entre os dois lados para criação de políticas públicas que beneficiavam a população como um todo.

Parcerias: neste quarto momento começa a busca por parcerias com órgãos públicos e privados municipais, estaduais e federais para obter ações mais efetivas em defesa da cidadania. Potencializando práticas de políticas públicas. (PERUZZO, 1998, p. 40)

A diversidade ideológica presente no meio da política institucionalizada da militância dos movimentos sociais segue linhas diferentes quanto à forma de agir em relação ao Estado. PERUZZO (1998, p.34-35) divide estas em duas linhas distintas: a subordinação e a cooperação.

A subordinação, seguindo a linha do marxismo-leninismo, investe na idéia que os movimentos sociais são secundários em relação ao potencial de transformação e que os reais agentes modificadores da sociedade seriam os partidos políticos, cabendo aos demais coletivos apenas o papel de escolas e bases militante-eleitorais. O sujeito revolucionário é superinstitucionalizado, tendendo para a vanguarda partidária.

A cooperação age de forma oposta. Enxergam-se os movimentos sociais com a mesma importância dos partidos. A ação da militância seria cobrir espaços onde o primeiro não atua com firmeza. Agindo com cobranças ao Estado e exigindo políticas públicas.

No seguimento da cooperação o movimento social contemporâneo age nas lacunas deixadas pelos partidos políticos, principalmente pelas bases sociais, como comunidades, grupos de jovens, círculos bíblicos, grupo de mulheres, muitas vezes em estruturas sociais culturais (teatros e clubes), em núcleos econômicos (como feirinhas, cooperativas e associações de produtores) e em gestões de processos reivindicatórios junto ao Estado. Ainda podemos citar que a conscientização política da sociedade é uma forte característica do movimento social moderno, mostra que a participação nas decisões é a base da cidadania e fundamental para uma sociedade justa. (PERUZZO, 1998 p. 60)

Quantos aos tipos de militância, PERUZZO (1998 p. 44) define sete modelos diferentes e exemplifica:

- Ligados aos bens de consumo: relativos ao transporte, moradia, saúde, segurança;
- Envolvidos na questão da terra: relativos à reforma agrária;
- Relacionados com as condições gerais de vida: relativos às questões ambientais;
- Motivados por desigualdade culturais: machismo, xenofobia, racismo, homofobia;
- Dedicados à questão trabalhista: sindicatos;
- Voltados à defesa dos direitos humanos: contra crimes de guerra, tortura;
- Vinculados a problemas específicos: crianças de rua, prostituição, deficientes físicos.

1.2 – Direitos Humanos e Cidadania

Segundo LEONELLI (2002), Direitos Humanos são:

Valores, princípios e normas que se referem ao respeito à vida e à dignidade. A expressão refere-se a organizações, grupos e pessoas que atuam na defesa desse ideário. Os direitos humanos estão consagrados em declarações, convenções e pactos internacionais, sem a referência maior a Declaração Universal dos Direitos Humanos. A Constituição do Brasil se compromete no art. 1º, à prevalência dos direitos humanos nas relações internacionais e nos arts. 5º e seguintes, define os direitos e garantias fundamentais. (LEONELLI, 2002, p.38)

A ideologia presente na Declaração Universal dos Direitos Humanos, que prega a igualdade entre homens, aplicada dentro das leis de um Estado, pode ser considerada como um dos conceitos de cidadania. Para LEONELLI (2002, p.24) cidadania “é a igualdade de indivíduos perante a lei em uma sociedade organizada, o poder de exercer o conjunto de direitos e liberdades políticas, socioeconômicas de seu país, estando sujeito aos deveres que lhe são impostos”.

A idéia da nação como pilar de sustentação dos direitos dos cidadãos é confirmada por GUIMARÃES (1995, p.84) quando ele diz que a cidadania encontra-se no gozo de pertencer a um Estado e de participar de sua vida política. Segundo o autor, a nacionalidade é um pressuposto desta cidadania – ser nacional de um Estado é condição primordial para o exercício dos direitos políticos.

Retomando os princípios dos movimentos sociais contemporâneos citados acima, podemos confirmar a função cidadã da militância quando participa e incentiva a população a ter voz dentro da vida política. Sabe-se que nem sempre este Estado age pela promoção dos direitos humanos. Em muitas vezes cabe à iniciativa não governamental a função de defensor da população. Segundo CARBONARI (2004):

A garantia dos direitos humanos é feita por meio de mecanismos e instrumentos históricos que possibilitam arranjos públicos capazes de se traduzir em condições para desenvolver ações efetivas. Isso se reflete em criação e implementação de políticas públicas como as ações de melhoria do Sistema Único de Saúde, implementação do Estatuto da Criança e do Adolescente entre outras. Outro fato é que vários direitos fundamentais já são explicitadas e garantidos pela Constituição Federal, como o direito à saúde e moradia. (Artigos 196 a 200 da Constituição Federal e Lei Orgânica – Lei n. 8.080/90 e 8.142/91, Emenda da constituição n. 26, de 2000, que modifica o artigos 6º da constituição federal, garantindo o direito à moradia como direito fundamental, e o Estatuto da Cidade, Lei n. 10.527/01). (p.21)

MARSHALL (1967) separa a cidadania em três elementos relativos às diferentes etapas da história (séculos XVIII, XIX e XX), mas salienta que tais períodos devem ser tratados com uma elasticidade razoável e ter reconhecidos os seus entrelaçamentos:

Elemento civil: relativo aos direitos ligados à liberdade individual de ir e vir, liberdade de imprensa, pensamento, fé e propriedade.

Elemento político: relativo à participação no exercício do poder político como membro de um organismo investido da autoridade política ou como eleitor.

Elemento social: relativo ao direito de bem-estar econômico, direito à herança social, viver como um ser civilizado de acordo com os padrões que prevalecem na sociedade. (MARSHALL, 1967, p.63)

Privados de vários direitos que se enquadram nas três categorias acima – e que serão melhor retratados na parte sobre o movimento GLBT – os homossexuais perdem seu direito de ser cidadão. CONDE (2004, p.11-12) afirma que, além da própria homofobia – que também será mais detalhada posteriormente – busca-se legitimar este comportamento legislativo

preconceituoso por meio do argumento da Lei Natural. Segundo a autora, esta lei baseia-se em conceitos biológicos para determinar ações e posições humanas na sociedade.

Quando o homossexual subverte a relação sexual e usa de outras formas de obtenção de prazer, diferente do padrão biológico da penetração vaginal (voltada para o coito reprodutivo), ele estaria indo contra a lei natural. Conde ainda afirma que da mesma forma as mulheres são julgadas através da Lei Natural, já que lhe são atribuídas natural inferioridade, submissão, vocação à maternidade e qualquer atitude diferente vai contra o “instinto natural humano de procriação e preservação da espécie” (CONDE, 2004, p.16).

1.3 – Orientação Sexual e Homossexualidade

Conceituar orientação sexual e, conseqüentemente, homossexualidade é fundamental para definir o campo de ação do grupo Colcha de Retalhos – A UFG Saindo do Armário. Inicialmente o conceito de orientação sexual foi utilizado para definir a origem do vetor de atração afetivo-sexual humano. CARDOSO (1996, p.30) cita pesquisas que tentavam originar a orientação pelos hormônios do hipotálamo, diferenças morfológicas no cérebro, hereditariedade, genética, etc. O autor também mostra que, por outro ponto de vista, pesquisadores afirmam que a diversidade de orientação sexual é relativa à diversidade cultural humana.

O desejo tende a ter características menos biológicas e mais sociais. Podemos perceber este aspecto quando analisamos o fetichismo de submissão, por exemplo. Grande parte do prazer deste ato sexual consensual pode estar na sensação de poder e de subjugo, humilhação e proteção. Segundo FRY e MAC RAE (1985, p.12), homossexualidade é a orientação sexual na qual o indivíduo sente desejo afetivo-sexual por alguém do mesmo sexo. O termo “preferência sexual” pode ser considerado insuficiente, já que pode conotar a tendência a escolher. Empiricamente percebe-se que a homossexualidade não é uma opção. Convivendo numa sociedade que reprova sexualidades não hegemônicas e que as oprime severamente, ninguém escolhe ser gay, lésbica ou travesti.

FRY e MAC RAE (1985, p.15) defendem que não existe verdade absoluta sobre o que é homossexualidade ou que as idéias e práticas a elas associadas são produzidas historicamente no interior de sociedades concretas e que são intimamente relacionadas com o todo destas sociedades. Pode-se, então, chegar ao pensamento de que a homossexualidade é uma orientação

sexual normal, definida na infância, exatamente como a heterossexualidade. O fato da homossexualidade não ser mais considerada uma doença psicológica corrobora essa premissa.

Desde 1973, a homossexualidade deixou de ser classificada como enfermidade pela Associação Americana de Psiquiatria e, na mesma época, foi retirada do Código Internacional de Doenças (Cid). A Assembléia-geral da Organização Mundial de Saúde (OMS), no dia 17 de maio de 1990, retirou a homossexualidade da sua lista de doenças mentais, declarando que a homossexualidade não constitui doença, distúrbio ou perversão e que os psicólogos não colaborariam com eventos e serviços que propusessem tratamento e cura da homossexualidade.²

Desde então o movimento político pelos direitos dos homossexuais não usa mais o termo “homossexualismo”, pois este era o jargão médico que os profissionais da saúde usavam ao se referirem a gays e lésbicas como doentes. O termo correto é “homossexualidade”. Historicamente o amor entre iguais também não era considerado pecado ou doença. Na sociedade grega, de acordo com os estudos de CARDOSO (1996), a prática sexual entre homens era tida como normal, desde que se respeitassem algumas regras:

Deveria haver diferença entre idade entre os parceiros, o mais velho tinha o papel de ativo penetrador, e o mais novo passivo penetrado. Isso era possível porque o rapaz, ainda em formação, poderia se submeter como objeto de prazer do homem que o disputou dentre outros e o seduziu como amante, aluno e futuro amigo. (p.36)

Cardoso ainda cita demais casos onde a homossexualidade é aceita em outras culturas:

Entre os gebusi, da Nova Guiné, acredita-se que a ingestão por garotos de sêmen obtido pela felação em homens mais velhos proporcionava vigor ao homem em formação. Na costa do Oman, península arábica, há a institucionalização do papel do transexual, o qual, apesar de manter o nome masculino é visto socialmente como mulher. Eles se diferem do homem por sua prática sexual passiva, e são por eles usados para demonstrar o seu potencial em deflorar uma virgem, já que as mulheres solteiras, de acordo com as leis do Islã, devem manter-se castas. Entre o povo africano Azande, garotos são tomados como esposas por homens mais velhos, livres e viúvos. Cumprem o papel de mulher apenas por um período, pois por volta dos vinte anos estão aptos a casarem-se com mulheres. (CARDOSO, 1996, p.40)

Politicamente, o grupo de orientações sexuais não ortodoxas é dividido entre gays, lésbicas, bissexuais (como diferentes tipos de orientação sexual), travestis, transgêneros e transexuais (como diferentes tipos de identidade de gênero). Os dois grupos são politicamente

² Dados retirados de <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Homossexualidade>>. Acesso em 3 nov. 2007

irmãos, mas individuais nos seus conceitos. Abaixo, uma breve conceituação de cada uma das letras da “sopa de letrinhas GLBT”.

1.3.1 – Gays

Segundo CONDE (2004, p.35), esta palavra servia para definir de forma homogênea e pasteurizada todas as categorias sexuais e de gênero que não seguiam o padrão heteronormativo da sociedade. Se por um lado dava mais visibilidade ao grupo como um todo, por outro retirava a visibilidade dos demais sujeitos sociais que tinham suas reivindicações próprias. A palavra tem origem no inglês, significa “alegre” e atualmente é usada para designar o homossexual de identidade masculina.

1.3.2 – Lésbicas

É a homossexual de identidade feminina. CONDE (2004, p.36) diz que o nome é uma referência à ilha de Lesbos, na Grécia, onde viveu a poetiza Safo que escrevia sobre o amor entre mulheres. Outra denominação é “sapatão” que surgiu na década de 70, no auge no movimento feminista. As lésbicas feministas se diferenciavam de suas companheiras heterossexuais pelas botas que usavam como forma de criar uma identidade única e de assumir-se politicamente.

1.3.3 – Bissexuais

São pessoas que sentem atração afetivo-sexual por ambos os sexos. Em 1948, Alfred Kinsey publicou um trabalho sobre sexualidade humana de nome “*Sexual Behavior in the Human Male*”, obra ainda não publicada em português. Segundo suas pesquisas³, o comportamento sexual humano varia durante toda sua vida, possibilitando representar estes dados através de porcentagens de aproximadamente 80% da população sendo bissexual, 10% são estritamente heterossexuais e os outros 10% estritamente homossexuais. Ele afirma que esses dados vieram do fato de que grande parte dos entrevistados da pesquisa (homens e mulheres estadunidenses) já

³ Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Alfred_Kinsey>. Acesso em 10 set. 2007.

tenham desejado ou praticado ações afetivo-sexuais com pessoas do mesmo sexo em algum momento de sua vida.

Seguindo estas informações, Kinsey criou uma escala de uma possível definição da sexualidade humana. Possui oito categorias por onde o indivíduo transita ao passar de sua vida de acordo com suas vivências e realidades sócio-culturais:

- heterossexual exclusivo;
- heterossexual ocasionalmente homossexual;
- heterossexual mais do que ocasionalmente homossexual;
- igualmente heterossexual e homossexual, também chamado de bissexual;
- homossexual mais do que ocasionalmente heterossexual;
- homossexual ocasionalmente heterossexual;
- homossexual exclusivo;
- indiferente sexualmente.

As identidades sexuais citadas acima, homossexuais e bissexuais juntamente com a heterossexualidade, ou padrão heteronormativo, e ainda a orientação assexualizada, na qual o indivíduo não sente atração afetivo-sexual por nenhum dos gêneros, são relativos à orientação sexual e seus vetores de atração. Ao mesmo tempo temos as diferentes identidades de gênero e suas transgressões em relação ao padrão que liga gênero à anatomia. São exemplos a travestilidade e a transexualidade.

1.3.4 – Transgêneros

São os indivíduos que possuem uma plasticidade de gênero e transitam entre o masculino e o feminino sem perder sua identidade original, que, na maioria dos casos, está ligada à genitália de nascença. Exemplos de transgêneros são artistas e performáticos que se travestem de acordo com o gênero oposto para fins de entretenimento, como *Drag Queens* e *Drag Kings*.

1.3.5 – Travestis

Travesti era originalmente alguém que se vestia com roupas do sexo oposto para se apresentar em shows e espetáculos, mas essa prática passou a designar o comportamento das *Drag Queens* (ou transformistas). Segundo CONDE (2004, p.39), o termo travesti hoje em dia se refere principalmente à pessoa que apresenta sua identidade de gênero oposta ao sexo designado no nascimento, mas não rejeita o sexo biológico e que não almeja se submeter à Cirurgia de Redesignação Sexual. E ainda mais, modifica seu corpo adicionando características do gênero oposto (como seios ou músculos delineados).

CONDE (2004, p.38) nos fala sobre o fetichismo *transvético*, um fetiche que consiste na excitação sexual por meio de usos de peças de vestuário do sexo oposto. A autora afirma que esta prática não pode ser relacionada com a travestilidade em si, pois não consiste necessariamente num transtorno de identidade de gênero.

1.3.6 – Transexuais

Transexual é um indivíduo que possui a identidade de gênero oposta ao sexo biológico designado. São homens e mulheres que fazem ou pretendem fazer uma transição de seu sexo de nascimento para o sexo oposto, a partir de intervenções médicas como terapia e cirurgia de redesignação de gênero.

Assim como as travestis, os transexuais fazem parte de uma categoria patologizada, como afirma CONDE (2004): “Para a psiquiatria, são classificados como portadores de doença mental. São diagnosticados no Código Internacional de Doenças com os números 302.6 (quando referente à infância) e 302.85 (referente à fase adulta ou ao adolescente)” (p.40).

Uma das principais bandeiras da luta dos homossexuais masculinos e femininos foi a de deixar de serem considerados como portadores de transtornos ou desvio sexual.

No entanto, um dos pleitos dos transexuais consiste em fazer que o poder público reconheça o transtorno do qual são portadores, para que tenham acesso à rede pública de saúde, tanto para tratamento hormonal quanto para a cirurgia de redesignação de sexo, incluído o direito de recorrer ao poder judiciário para obter a troca e adequação dos seus registros de documentação com o nome escolhido pelo transexual. (CONDE, 2004, p.40).

Mesmo sendo um termo que surgiu como patologia, como algo transgressor do padrão vigente, WEEKS (2001) afirma que o termo “homossexualismo” foi criado antes da palavra “heterossexualidade”. Era a essência sexual que significava o diferente da heterossexual.

Embora a homossexualidade tenha existido em todos os tipos de sociedade, em todos os tempos, e tenha sido, sob diversas formas, aceita ou rejeitada, como parte dos costumes e dos hábitos sociais dessas sociedades, somente a partir do século XIX e nas sociedades industrializadas ocidentais, é que se desenvolveu uma categoria homossexual distinta e uma identidade a ela associada. (WEEKS, 2001, p.65)

O termo “homossexualismo” foi inventado pelo médico húngaro Karoly Maria Benkert⁴ para explicar determinadas patologias sexuais decorrentes de falhas da natureza. O médico caracterizava como física e psiquicamente incapazes os indivíduos cujos impulsos sexuais eram voltados a iguais biológicos.

1.4 – Movimento GLBT

Como anteriormente designado, o movimento GLBT se encaixa entre os que são motivados por desigualdades culturais, do mesmo modo que os movimentos feministas e contra o racismo. São características fundamentais do movimento homossexual os fatos de que ele não se baseia em questões de classe, extrapola as discussões sobre gênero ao contemplar também a discussão dos direitos humanos, a individualidade, a sexualidade e o amor.

A discussão da sexualidade (e também a de gênero) sai do âmbito do privado e se torna pública. Assim, é alterado o discurso de que o que acontecia entre quatro paredes não era de interesse de mais ninguém além dos protagonistas das ações. O fato passa a ser retratado como da esfera pública, objeto de reivindicações de políticas públicas que assegurem o direito de todas e todos as/os cidadãs/ãos. CONDE (2004) afirma:

...ao trazer a discussão da sexualidade para o âmbito dos direitos humanos, o movimento homossexual questiona os mecanismos repressivos utilizados pela ótica dominante heteronormatividade e fragiliza a legitimidade desses argumentos, exigindo do Estado e de seus poderes constituídos uma resposta à ofensas aos direitos humanos fundamentais relativos à individualidade e à liberdade de livre expressão afetivo-sexual. A Sexualidade é política e a individualidade constitui um direito humano fundamental. Ao trazer a sexualidade para a discussão política, o homossexual comporta-se como cidadão e deixa de suportar o ônus da invisibilidade. Na invisibilidade do armário e do

⁴ Retirado de <http://pt.wikipedia.org/wiki/Karl-Maria_Kertbeny>. Acesso em 10 set. 2007.

gueto, o homossexual não é reconhecido como cidadão, como parte integrante do arranjo político que dá sentido ao Estado. No entanto, quando exige publicizar o seu direito individual de ser homossexual e de viver como tal, ele surge na esfera política e exige um rearranjo social, que interfere no exercício da cidadania (CONDE, 2004, p.2-3).

O episódio de maior importância e que fortaleceu o início do movimento GLTB aconteceu no bar *Stonewall Inn* em 28 de junho de 1969 em Nova York (EUA). De acordo com as pesquisas de CONDE (2004, p.35-36), era hábito policial efetuar inspeções em ambientes frequentados por homossexuais. Sob a alegação de busca por drogas e demais infrações, havia uma tentativa de maquiar o verdadeiro motivo das ações policiais: constranger a população GLBT. Tais inspeções resultavam em prisões arbitrárias e interdições provenientes de exigências infundadas aos estabelecimentos tolerantes ou favoráveis à frequência de homossexuais.

Conde afirma que uma inspeção corriqueira no bar *Stonewall Inn*, em função de suposto descumprimento das leis de vendas de bebidas alcoólicas, transformou-se numa rebelião. Os frequentadores do local rebelaram-se e foi deflagrada uma batalha que durou todo o final de semana. Neste contexto, surgiram palavras de ordem que faziam apologia à homossexualidade. Entre aquele grupo de homossexuais, houve, a partir de então, uma inversão, na qual ser homossexual deixou de ser vergonhoso ou doentio e passou a significar uma condição de orgulho.

Já travando lutas contra o preconceito e para o reconhecimento da diversidade sexual, CONDE (2004, p.72-74) afirma que os movimentos homossexuais surgiram no Brasil na década de 40, mas somente no fim da década de 70 começaram a agir de forma mais efetiva quando, um grupo de jornalistas e intelectuais homossexuais criou o Jornal *Lampião*, que, inclusive foi alvo de perseguição da censura da ditadura militar. A pesquisadora ainda diz que o primeiro movimento, que era chamado de *Somos*, se estruturou em São Paulo no ano 1979. Em seguida, vieram grupos importantes como o *Somos/RJ*, *Atobá* e *Triângulo Rosa*, no Rio; *Grupo Gay da Bahia*; *Dialogay*, de Sergipe; *Um Outro Olhar*, de São Paulo; a *Organização Não-Governamental Gayviota*, do Maranhão; *Grupo Dignidade*, de Curitiba; *Grupo Gay do Amazonas*; *Grupo Lésbico da Bahia*; *Nuances*, de Porto Alegre e *Grupo Arco-Íris*, do Rio. Atualmente, estima-se que existem no Brasil aproximadamente 70 grupos de luta pelos direitos homossexuais.

Segundo as pesquisas de CONDE (2004, p.75), entre os eventos mais importantes realizados pelos movimentos, podem ser citados a 17ª Conferência Mundial da Associação Internacional de Gays e Lésbicas, em junho de 1995, no Rio de Janeiro, e o Encontro Brasileiro

de Gays, Lésbicas e Travestis, organizado anualmente. Contudo, o mais importante desses eventos ainda é a Parada Gay de São Paulo, uma das mais importantes do mundo, de maior destaque, e que atrai milhões de pessoas.

A principal luta dos movimentos é contra a discriminação da homossexualidade e a favor do reconhecimento dos direitos civis dos homossexuais. Todos eles buscam ter bases teóricas e legais em seus discursos e lutas, se pautando por artigos da Constituição Federal e pela Declaração Universal dos Direitos Humanos. Esses estudos revelam que um homossexual brasileiro tem 37 direitos negados. Alguns deles: o casamento civil, o reconhecimento da união estável, adotar o nome do/a parceiro/a, a inclusão do/a parceiro/a no plano de saúde ou como dependente da previdência privada, garantia de pensão alimentícia, garantia de metade dos bens em caso de separação, assumir a guarda do filho do/a cônjuge, adotar uma criança, direito à herança, visita íntima na prisão e autorização de cirurgia de risco caso o/a parceiro/a precise ser submetido a uma (mais direitos negados vide anexo).

O movimento brasileiro reivindica todos estes direitos. Em especial:

- Reconhecimento legal da união entre pessoas do mesmo sexo: criado em 1995 pela, então deputada, Marta Suplicy (PT-SP), o projeto de lei que autoriza a união civil entre homossexuais ainda não foi aprovado. Alterado pelo deputado Roberto Jefferson, o substitutivo do projeto proíbe a adoção, tutela ou guarda de crianças.
- Criminalização da homofobia: A deputada federal Iara Bernardi (PT-SP) criou o projeto de lei que trata da criminalização da homofobia. O projeto, que ainda não foi votado, busca trazer para a sociedade a necessidade de aceitar a diversidade homossexual. Segundo MOTT (2004)⁵, nos últimos 20 anos, a homofobia foi responsável por pelo menos 2.403 assassinatos de homossexuais no Brasil.

1.4.1 – Homofobia

É de extrema importância conceituar a homofobia. Este problema social crônico é a principal bandeira do movimento GLBT. A homofobia é um termo criado para designar a opressão premeditada ao homossexual incluindo ódio, medo, preconceito, aversão, assédio moral,

⁵ Disponível em: <http://br.geocities.com/luizmottbr/artigos.html>. Acesso em 09 set. 2007

abuso verbal, violência física ou a discriminação de uma pessoa contra homossexuais ou homossexualidade. Segundo GREEN (2001, p.29), o termo é um neologismo criado pelo psicólogo George Weinberg, em 1971, no livro de sua autoria - *A Sociedade e o Homossexual Saudável* – combinando as palavras gregas *phobos* ("fobia"), com o prefixo *homo*, como remissão à palavra "homossexual".

MAC RAE (1990, p.40) afirma que alguns estudiosos e indivíduos comuns atribuem as razões específicas para a homofobia às mesmas noções que estão por trás do racismo e qualquer outro preconceito, ou seja, uma oposição a tudo aquilo que não corresponde à maioria com que o indivíduo se identifica e às normas implícitas e estabelecidas por essa mesma maioria. Percebemos, então, que desta explicação, aplica-se a necessidade de reafirmação dos papéis tradicionais de gênero, considerando o indivíduo homossexual alguém que falha no desempenho do papel que lhe corresponde segundo o seu gênero.

Outra possível motivação para tal comportamento é a dúvida de um indivíduo quanto a sua própria sexualidade, situação a que se dá o nome de homofobia interiorizada. ALMEIDA NETO (2001) diz que:

Essa rejeição profunda à homossexualidade costuma ser atribuída a desejos e fantasias homossexuais, via de regra conscientes, mas reprimidas, que transformam a vida do indivíduo homofóbico em um intrincado faz de conta: o desprezo e a perseguição a homossexuais são a contra-face manifesta de um desejo homossexual latente, profundamente arraigado e negado (p.160).

Algumas pessoas consideram que a homofobia é efetivamente uma forma de xenofobia na sua definição mais estrita: medo a tudo o que seja estranho. GREEN (2001, p.33) critica esta afirmação e alega que o medo irracional pelo diferente não é, claramente, a única causa para o preconceito da homossexualidade, já que este preconceito pode também provir de ensinamentos (religião, formas de governo, etc) ou ideologia (como em comunidades machistas), por exemplo.

A homofobia se manifesta de diversas maneiras, e em sua forma mais grave resulta em ações de violência verbal e física, podendo levar até o assassinato. ALMEIDA NETO (2001, p.163) afirma que este tipo de violência se manifesta de forma muito variada, e às vezes sutil, por meio de piadas e de canções que reforçam a imagem negativa de homossexuais. Trata-se de um tipo de violência presente na casa, na escola, na vizinhança, no consultório

médico, no local de trabalho, em estabelecimentos comerciais, enfim, em qualquer lugar no qual o homossexual é visto e percebido como uma pessoa inferior, marginal, indigna de respeito.

MOTT (2004)⁶ adota uma visão histórica e identifica, na internalização de ensinamentos judaico-cristãos, o suporte à legitimação da violência praticada contra gays, lésbicas, travestis e transexuais. Ele sustenta a alegação com exemplos de ensinamentos praticados por rabinos, líderes muçulmanos, padres e pastores ao longo dos últimos quatro mil anos como os que afirmam que a sodomia é o mais sujo de todos os pecados, por causa dele Deus envia pragas e calamidades à Terra.

No Brasil, MOTT (1996, p.100) diz que a homofobia teve um agravante da necessidade do homem branco ser viril, macho, poderoso e se impor para manter o padrão de dominação sobre os índios e os escravos negros durante a época colonial. O autor prova a veracidade dessa realidade por meio da comparação do número de assassinatos de homossexuais nos Estados Unidos e no Brasil. Entre 1992 e 1994, os Estados Unidos da América, com população de aproximadamente 250 milhões de pessoas, obteve o número de 151 mortos. Nesse mesmo período, o Brasil, então com aproximadamente 150 milhões de habitantes, registrou o assassinato de 180 gays, lésbicas, travestis e transexuais.

De todas as minorias que sofrem algum tipo de preconceito, os homossexuais são os que mais sofrem, pois não encontram apoio nem dentro do núcleo familiar. No extremo oposto, muitas vezes sofrem violência pelos próprios familiares e/ou são expulsos de casa. É dentro desta realidade que o movimento GLBT trabalha, buscando visibilidade para que seu grito seja ouvido pelas autoridades e que as mesmas garantam dignidade para a diversidade humana. No próximo capítulo será descrito um breve o histórico do Colcha de Retalhos e atividades promovidas pelo coletivo.

⁶ Disponível em: <http://br.geocities.com/luizmottbr/artigos.html>. Acesso em 09 set. 2007

CAPÍTULO 2

A CRIAÇÃO DO GRUPO COLCHA DE RETALHOS

No capítulo anterior foi estruturada a parte teórica de conceitos de movimento social, militância, cidadania, direitos humanos, identidade sexual e de gênero, movimento GLBT e homofobia. Após esta base conceitual, pode-se partir diretamente para o sujeito do estudo deste trabalho: o Grupo “Colcha de Retalhos: a UFG Saindo do Armário”.

Este capítulo contém o conceito, a missão e um breve histórico do grupo, desde a primeira tentativa de articulação, em 2003, e da sua fundação em 2005. Descrever-se-á a situação da questão GLBT dentro da UFG na época da criação, quem foram os membros pioneiros e os motivos de sua participação no coletivo. Esta parte também discorre sobre a Carta de Princípios e a organização interna do Colcha de Retalhos.

Para o terceiro capítulo foi reservada a descrição detalhada das atividades, festas, reuniões, congressos, atos públicos, ações extra-campi e suas relações com a prática da cidadania, seus resultados e objetivos alcançados.

2.1 – Metodologia de pesquisa

O levantamento de dados para a construção do histórico do grupo Colcha de Retalhos procede da análise dos relatos gravados em áudio nos quais são entrevistados alguns membros do coletivo e ainda a partir do material virtual disponível em tópicos de discussão do fórum do grupo no site de relacionamento Orkut (www.orkut.com), e-mails da lista de discussão de diversidade sexual do sistema “Yahoo! Grupos” e de algumas observações relatadas pelo autor deste trabalho na sua participação como militante do coletivo.

Sete “colcheanos”, nome atribuído aos indivíduos que integram o coletivo, foram entrevistados entre os dias 10 e 14 de setembro de 2007. Nomes fictícios foram usados para preservar a identidade das fontes. O roteiro, no formato de entrevista semi-estruturada, contém cinco perguntas pré-estabelecidas:

- 1 – O que é o Colcha de Retalhos?
- 2 – Porque você participa do grupo?

3 – Através de sua percepção, quais são os resultados das ações e da própria existência do grupo Colcha de Retalhos?

4 - Você acha que o Colcha de Retalhos constrói cidadania homossexual dentro e fora da UFG? Se sim, como?

5 - Como você vê o Colcha de Retalhos no cenário do movimento homossexual brasileiro?

Foi dada total liberdade de fala aos entrevistados. O processo resultou em aproximadamente uma hora de material gravado em áudio e transcrito (vide apêndice). Trechos destas entrevistas serão utilizados no corpo do trabalho para ilustrar e legitimar conceitos citados relativos ao objeto desta monografia.

Mesmo com todo este material não foi possível fazer um histórico muito aprofundado e extenso da criação do Colcha de Retalhos, já que trata-se de grupo novo, com apenas dois anos e meio de existência, e sem uma postura institucionalizada que garanta registro freqüente e sistemático de sua história.

2.2 – O histórico

O grupo Colcha de Retalhos, como atualmente conhecemos, não foi a primeira tentativa de organização de um coletivo militante para a causa das minorias sexuais dentro da UFG. No primeiro semestre de 2003, três alunos da instituição se uniram num propósito de trazer a discussão política das questões de sexualidade e gênero para dentro da academia.

“Algumas pessoas tentaram discutir as pautas de sexualidade na UFG naquele ano e fizeram no máximo três reuniões. Nesses momentos de reunião definiram o nome da articulação como ‘Colcha de Retalhos’. E logo o grupo se dispersou.”⁷

Na época, um destes participantes fazia parte do corpo do Diretório Central dos Estudantes e, através do mesmo, agiu em prol do tema e conseguiu trazer o decano do movimento GLBT brasileiro, antropólogo, professor da Universidade Federal da Bahia e fundador do Grupo Gay da Bahia, professor doutor Luiz Mott, para realizar duas conferências sobre a temática da diversidade sexual. O grupo durou pouquíssimo tempo e logo se desfez.

⁷ Entrevista feita com Mateus, membro do Colcha de Retalhos, em 14 set 2007.

Em janeiro de 2005, durante o Fórum Social Mundial em Porto Alegre (RS), um dos atuais militantes do Colcha entrou em contato com vários grupos e possibilidades de discussão e ações políticas relacionadas a gênero e sexualidade. Ao retornar a Goiânia, tentou colocar essas idéias em prática. Convidou as pessoas que se interessavam pelo assunto para se reunirem e trocaram idéias sobre a possibilidade da criação de um fórum de discussão e atuação política dentro da UFG.

A partir de 2005, por essas minhas buscas por grupos e movimentos, descobri essas possibilidades de articulações que pautassem, passassem pela universidade e que trabalhassem com sexualidade. Isso eu descobri no Fórum Social Mundial em 2005 e nós articulamos aqui em Goiânia, a partir de 2005, o Colcha.⁸

Idéias acordadas, foram feitos vários cartazes chamando a população acadêmica dos campi 1 e 2 para que participassem dessa nova proposta, ainda no plano das idéias. No dia 25 de abril de 2005, no prédio da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia no Campus Samambaia, ocorreu a primeira reunião do grupo. Neste dia as pessoas conceberam, coletivamente, a função de discutir e agir em defesa da diversidade sexual dentro da UFG.

“Decidiu-se resgatar o nome “Colcha de Retalhos”, pois expressava exatamente o que o grupo é: vários pedaços diferentes, simbolizando as várias orientações sexuais e diversidades existentes, costurados entre si para formar algo maior e mais forte.”⁹

A missão era mudar, dentro da academia, a realidade de total invisibilidade de sexualidades não hegemônicas. Tirar a homossexualidade do âmbito do privado, do meio velado, e levá-la à discussão.

O Colcha é um coletivo de estudantes da UFG que tem como objetivo principal garantir a articulação de pessoas que não experimentam sua sexualidade de forma hegemônica, ou seja, dentro da heterossexualidade e que a partir de reuniões periódicas procuram articular ações políticas para romper com essa linearidade sexual hegemônica que seria a heterossexualidade. Esse é um dos objetivos do Colcha, agregar pessoas no intuito de formação de ativismos em prol da diversidade sexual.¹⁰

“O Colcha de Retalhos surgiu como um grito, uma tentativa de se impor e exigir visibilidade política e respeito às diferenças”.¹¹

⁸ Entrevista feita com Mateus, membro do Colcha de Retalhos, em 14 set 2007

⁹ Entrevista feita com Jonas, membro do Colcha de Retalhos, em 12 set. 2007.

¹⁰ Entrevista feita com Pedro, membro do Colcha de Retalhos, em 14 set. 2007.

¹¹ Entrevista feita com Ester, membro do Colcha de Retalhos, em 12 set. 2007.

2.3 – Organização interna

Desde a sua fundação, em 2005, os participantes do coletivo defendiam uma postura de não institucionalização do grupo. Acredita-se que a burocracia, verticalização e falta de discussão de auto-organização aplicada a grupos políticos, contribui apenas para uma estrutura viciada de militância que já se mostra incapaz de lidar com todas as possibilidades e não oferece os resultados desejados.

O Colcha mostrou para a população do movimento GLBT goiano que existe uma outra forma de fazer militância nessa área. Nós não concordamos com essa forma que está sendo feita porque nós vemos que esta não dá resultado. Apesar de ter cumprido um papel fundamental de construção histórica desse movimento no estado, ele não consegue dar respostas para as demandas reais, principalmente pela forma que é organizado.¹²

Por isso, o Colcha de Retalhos trabalha na perspectiva de não ser um grupo institucionalizado. Não possui registros formais em cartório nem Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ).

Não é uma ONG e não é uma instituição. O movimento social brasileiro funciona muito desta forma, sempre seguindo esta lógica de institucionalização. E por não seguir essa lógica, o Colcha não se insere e nem quer se inserir.¹³

O coletivo não possui estrutura hierárquica. Toda decisão é feita horizontalmente. Todos e todas têm direito de opinião. Não há líderes e todas as demandas de trabalho são distribuídas igualmente. Mulheres têm direito de fala intransponível. Quando uma mulher toma a fala para si, todos os homens devem se calar imediatamente e respeitar este direito. O coletivo acredita que as relações de gênero devem ser igualitárias.

Historicamente as mulheres vêm sendo reprimidas do seu direito de fala. O Colcha quer mudar essa realidade contrapondo a suposta soberania do discurso masculino.

Nós damos visibilidade a estas minorias sociais, como lésbicas, por exemplo. Não só lésbicas, como também mulheres. Elas têm o poder de fala. Quando elas falam, os homens, que historicamente eram os donos dos discursos, ficam calados para que elas falem por si e a partir disso o incentivo delas se imporem.¹⁴

¹² Entrevista feita com André, membro do Colcha de Retalhos, em 13 set. 2007.

¹³ Entrevista feita com Ester, membro do Colcha de Retalhos, em 12 set. 2007.

¹⁴ Entrevista feita com Simão, membro do Colcha de Retalhos, em 13 set. 2007.

Cabe aqui comentar, em relação à citação supracitada, que “dar visibilidade” a um grupo não garante legitimidade para suas ações. Neste caso, um homem consentiu o direito de fala a uma mulher, mas manteve e reproduziu a relação de poder entre gêneros, pois sua fala remete à idéia de que o dono dos discursos é o gênero masculino e, por motivos quaisquer, ele permitiu que o gênero feminino tivesse fala. Um homem não tem legitimidade para dar a uma mulher algo que ela já tem direito garantido pela constituição.

O grupo está em constante auto-gestão, na busca pelas melhores alternativas de ação e de organização interna. Alternando dias, horários e formatos de reuniões e demais atividades. É suprapartidário, não se deixa pautar e se abstém de qualquer discurso que favorece ou prejudique qualquer partido político, pois age em parceiras que incentivem a discussão de sexualidade.

Somos um grupo, um coletivo auto-organizado, anti-hierárquico, anti-homofóbico ao passo que discute e promove ações que não sejam apenas essas discussões, mas também ações políticas que alcançam diversas instâncias.¹⁵

Alguns membros do Colcha de Retalhos enxergam sexualidade numa perspectiva pós-identitária. Acreditam na “não naturalização” das orientações sexuais e evitam pré-estabelecer posturas e rótulos, como “gay”, “lésbica”, “hétero”. Esta perspectiva aproxima-se da *Teoria Queer* que, de acordo com LOURO (2001)¹⁶, define que a sexualidade humana é mutável e complexa em demasia para ter uma estrutura cristalizada e fechada em identidades fixas.

Dentro do grupo nós assumimos uma identidade como forma estratégica. Somos gays, lésbicas ou bissexuais para garantir respeito ali no espaço. Mas essas identidades não conseguem dar conta de toda nossa experiência de vida cotidiana. Eu digo isso porque o movimento LGBT brasileiro é extremamente identitário. Como se gay nascesse gay. O Colcha não tem essa proposta de aproximação “naturalizante” da sexualidade.¹⁷

Inicialmente com 20 membros, o Colcha já chegou a ter em suas reuniões 45 pessoas. Os números atuais indicam aproximadamente 30 membros atuando diretamente, entre alunos da

¹⁵ Entrevista feita com Mateus, membro do Colcha de Retalhos, em 14 set. 2007.

¹⁶ Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2001000200012> Acesso em 29 set. 2007.

¹⁷ Entrevista feita com Pedro, membro do Colcha de Retalhos, em 14 set. 2007.

área de humanas, exatas, biológicas e artes, bem como não-alunos da UFG que têm os mesmos direitos de fala de um membro universitário. Comparando com demais grupos e ONGs, o Colcha de Retalhos é o maior grupo militante da questão GLBT, em membros ativos, do Brasil.

A quantidade de participantes da lista de discussão via e-mail que o grupo fundou, passa de 120 pessoas, e temos mais de 400 afiliados na comunidade do grupo na rede do Orkut. Entre todas estas pessoas estão gays, lésbicas, bissexuais, heterossexuais, travestis, transexuais, transgêneros, pessoas que não se identificam com qualquer rótulo e quem se identifica com mais de uma categoria citada. As reuniões são abertas, todas e todos podem participar sem qualquer tipo de diferenciação ou segregação.

Eu não tenho a menor dúvida, o menor pudor de dizer isso: hoje o Colcha é o maior grupo de militância pelos direitos civis e direitos sexuais das pessoas não heterossexuais. O Colcha hoje cumpre esse papel. E o cumpre com uma lógica militante diferente da militância construída no estado. Nós não somos um grupo gerido burocraticamente por um estatuto. É um grupo com uma estrutura totalmente horizontal, sem regimes de coordenações. É um grupo que se reúne periodicamente e se reúne com qualidade, com uma presença grande de pessoas nestas reuniões.¹⁸

Após a sua fundação, o Colcha de Retalhos colocou em prática a criação de sua Carta de Princípios. Como citado anteriormente, o coletivo não possui regimento interno por não acreditar na burocratização da militância. Esta Carta tem a função de direcionar as ações do grupo.

A iniciativa de elaborá-la foi formalizar em documento alguns princípios e referenciais que direcionassem as atividades do grupo. Ela demorou muito para ser concluída. Os motivos são desde necessidade de refletir outras pautas que não as cartas e, ainda, quando discutido o documento as diversas posturas heterogêneas custavam indicar algum consenso. Mas ela foi encaminhada. Ficou pronta.¹⁹

A carta foi iniciada no segundo semestre de 2005 e, quando concluída, foi apresentada à comunidade da Universidade Federal de Goiás na conferência comemorativa de um ano de fundação do Colcha de Retalhos, em 27 de abril de 2006. A palestra foi realizada no auditório da Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia e contou com a fala da Professora

¹⁸ Entrevista feita com André, membro do Colcha de Retalhos, em 13 set. 2007.

¹⁹ Entrevista feita com Mateus, membro do Colcha de Retalhos, em 14 set. 2007.

Doutora Miriam Grossi, presidente da Associação Brasileira de Antropologia. O tema de sua palestra foi: “Homossexualidades e Política no Mundo Contemporâneo”.

A Carta de Princípios (vide anexo) possui sete artigos que direcionam as ações e pautas de discussões do coletivo. Ela se inicia afirmando que o Colcha de Retalhos é um grupo criado e mantido por estudantes da Universidade Federal de Goiás, é autônomo, independente, suprapartidário e laico. Determina que o grupo possua uma perspectiva de discussão e intervenção no combate a homofobia, lesbofobia, transfobia, e na luta pela liberdade de orientação afetivo-sexual e identidades de gênero dentro e fora da UFG; não é restrito a gays, lésbicas, travestis e transexuais; é aberto a todas e todos que lutam contra a discriminação e o preconceito, em especial aos de orientação afetivo-sexual e identidades de gênero.

Também são princípios determinados na carta do grupo: dialogar com todas as organizações dentro da UFG que lutam a favor da diversidade e contra todas as formas de preconceito; discutir com grupos de outras universidades que promovem debate e intervenção no combate ao preconceito e luta pela liberdade de orientação afetivo-sexual e identidades de gênero; dialogar com organizações exteriores à Universidade que promovem a luta pela liberdade de orientação afetivo-sexual e identidades de gênero, além de denunciar e combater posturas e atitudes homofóbicas, lesbofóbicas e transfóbicas.

A Carta de Princípios se reflete também nas ações em prol da cidadania promovidas pelo Colcha de Retalhos. Todas as suas conferências, palestras, festas, atos públicos, passeatas, congressos e demais atividades serão detalhadas no capítulo a seguir.

CAPÍTULO 3

AS AÇÕES PROMOVIDAS PELO GRUPO

No capítulo anterior foi feito um pequeno histórico do surgimento do Colcha de Retalhos e da criação da sua Carta de Princípios. Este último capítulo descreverá todas as atividades promovidas pelo coletivo desde a sua criação em 2005 até o ano atual.

Dentro da Universidade Federal de Goiás e na sociedade civil, o Colcha de Retalhos vem promovendo ações e atuações políticas em defesa dos direitos das sexualidades não hegemônicas. O grupo ainda trespassa esse campo de atuação, chegando ao âmbito do gênero e às discussões de masculinidade e machismo. Essas ações variam entre reuniões formais, festas e eventos descontraídos. O grupo acredita que fazer política e militância não deve se restringir à formalidade de atuação com reivindicações, mas também “fazer política” de forma dinâmica, consciente, divertida e visível.

3.1 – Reuniões

As reuniões semanais inicialmente eram feitas às segundas-feiras na sala 24 da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia, no Campus Samambaia da Universidade Federal de Goiás. Seus horários e datas foram se alterando a partir das demandas de tempo livre dos membros. Por necessidade de englobar alunos e alunas de outros turnos e do Campus no Setor Universitário, o coletivo decidiu fazer duas reuniões por semana: uma pela hora do almoço, no Campus 2, e outra às 19 horas, no Campus 1, mais especificamente na Faculdade de Educação. Ao aproximar-se da data do 5º Encontro Nacional Universitário de Diversidade Sexual (V ENUDS), evento que será melhor retratado posteriormente, as reuniões tradicionais, de demandas, informes e pautas, foram substituídas e transferidas para o sábado à tarde na Faculdade de Direito para que os membros se dedicassem exclusivamente à organização do Congresso.

O esquema das reuniões funciona assim: dois voluntários se oferecem para realizar o trabalho de coordenação e relatoria. O coordenador organiza as pautas, informes e votações, alinha a lista de pessoas inscritas para poder de fala e limita o tempo de discurso de cada participante tentando ser o mais ético e organizado possível para um melhor rendimento da reunião. O relator anota tudo o que foi discutido e logo em

seguida disponibiliza esse relatório nos meios de comunicação do grupo: a lista de discussão de Diversidade Sexual e a comunidade do Colcha de Retalhos no Orkut.²⁰

As reuniões começam sempre com uma apresentação individual, onde cada um fala seu nome e qual atividade exerce. Isto é um artifício interessante para o melhor entrosamento e apresentação de novatos ao resto do coletivo. O encontro segue garantindo o direito de fala a todas e todos para informes e divulgação de eventos, palestras, congressos, cursos, festas e demais atividades que sejam de interesse das temáticas de diversidade sexual, classe, gênero e raça. Em seguida, é feita a listagem das pautas a serem discutidas naquele dia. A quantidade varia de 3 a 8 pautas que são colocadas em ordem de prioridade e, em sua maioria, são relativas às ações políticas futuras do grupo. É neste momento que são feitas votações e todas e todos têm direito de voto. Reitera-se sobre a ideologia anti-machista do grupo: durante as reuniões as mulheres têm direito imediato de voz, podendo tomar frente de homens e interromper suas falas. Quando uma mulher fala, todos os homens devem se calar imediatamente.

Inicialmente as reuniões eram de caráter deliberativo. Os encontros de estudo teórico foram introduzidos logo depois e foram alternados: uma reunião deliberativa, outra de grupo de estudos. O número de participantes varia entre 10 e 40 pessoas, com duração de uma hora e meia a duas horas de reunião.

3.2 – Palestras, conferências e mesas redondas

Através de suas ações em defesa da cidadania homossexual, o Colcha de Retalhos se tornou referência entre os grupos militantes diversos, universitários ou não. O coletivo já foi chamado para participar de diversas mesas sobre opressões e demais questões de sexualidade. Isso demonstra que o grupo se tornou um marco para a história do Movimento GLBT goiano.

A realização das "calouradas", das "PreParadas", das mesas que o Colcha é convidado - hoje o Colcha é referência em toda a militância que é organizada na UFG. Quando tivemos o UFG EXCLUI, o grupo "Canbenas" (Coletivos de Alunos Negros Beatriz Nascimento), que faz a discussão racial, convidou o Colcha para assinar um documento junto a eles, que faz a discussão de cotas para negros e negras na universidade. Isso mostra o respaldo político que o Colcha tem nesses dois anos e meio de existência.²¹

²⁰ Entrevista feita com Jonas, membro do Colcha de Retalhos, em 12 set. 2007.

²¹ Entrevista feita com André, membro do Colcha de Retalhos, em 13 set. 2007.

Por iniciativa própria, o Colcha de Retalhos já promoveu inúmeras palestras importantes dentro da Universidade Federal de Goiás. Estas palestras foram realizadas por convidados especialistas nas temáticas de gênero, sexualidade e raça e tiveram um número significativo de pessoas, dando visibilidade ao grupo dentro da universidade. Entre as palestras, pode ser citada a da Professora Doutora Miriam Pillar Grossi, presidente da Associação Brasileira de Antropologia, que, em abril de 2006, fez uma conferência sobre homossexualidade e política no mundo contemporâneo. A palestra foi realizada no auditório da Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, com a presença de mais de 300 pessoas.

Cabe neste momento um desdobramento sobre dois grandes eventos que o coletivo promove todos os anos: a PreParada e a Calourada.

3.2.1 – PreParada

Segundo Jonas, membro do Colcha de Retalhos, a PreParada surgiu como proposta conjunta à Semana da Diversidade Sexual, que acontece todo os anos, e que precede a Parada do Orgulho GLBT de Goiânia. Ele afirma que a idéia é estender as atividades comemorativas do evento para o âmbito universitário e promover a discussão e o debate sobre os temas.²²

A primeira edição aconteceu do dia 8 a 10 de junho de 2005 e seu lema foi “PreParada: Abrindo as portas do armário”. Foi realizada no auditório da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia no Campus II e sua programação contou com conferências variadas, como “O espaço e a diversidade sexual”, feita pelo professor Alex Ratts, do Instituto de Estudos Sócio Ambientais (IESA); “Políticas públicas, direitos e mídia”, feita por Beth Fernandes, presidente da ASTRAL-GO (Associação de Travestis e Transgêneros de Goiás), professor doutor Luiz Mello, da Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia (FCHF) e Lenise Santana, representando a ONG Transas do Corpo; e “Parada Gay de Goiânia: pra que parar?”, realizadas por diversos representantes de ONGs da causa GLBTs da cidade, como a Associação Goiana de Gays, Lésbicas e Travestis (AGLT), Ipê Rosa, Afro Gay, Fórum de Transexuais de Goiás e Associação Travestis e Transexuais de Goiás (ASTRAL-GO).

Além destas conferências houve também exibição dos filmes “A má educação” e “Desejos Proibidos”, ambos seguidos de debates. A PreParada foi fechada com chave de ouro

²² Entrevista feita com Jonas, membro do Colcha de Retalhos, em 12 set 2007.

com apresentações artísticas, performances, intervenções políticas e um “beijaço” no espaço do Centro de Convivência no Campus II da UFG.

“Beijaços” são ações de intervenção política coletiva onde várias pessoas se beijam em público, não importando o sexo de cada uma. Essa manifestação surgiu na cidade de São Paulo, em 2003. Um casal de namorados do mesmo sexo se beijava no Shopping Frei Caneca quando foram abordados pelos seguranças que os reprimiram violentamente. A notícia se espalhou com velocidade e poucos dias depois, em 3 de agosto de 2003, aproximadamente duas mil pessoas se aglomeraram na Praça de Alimentação para se beijarem e mostrarem que têm o direito de demonstrar afeto onde desejarem. A cobertura da mídia foi intensa e este ato passou a ser um dos carros chefes de atos do movimento GLBT brasileiro.²³

Após o beijaço da primeira PreParada, em junho de 2005 os participantes, cerca de 50 pessoas, caminharam pelo Campus II com a bandeira de seis cores, símbolo do orgulho GLBT, numa pequena parada gritando palavras de ordem e exigindo respeito à diversidade. A segunda edição da PreParada foi mais ousada em seu lema: “II Semana PreParada da UFG: estamos aqui, acostumem-se”, e aconteceu de 28 a 30 de junho de 2006. Esta recebeu uma programação mais prática e descontraída: oficina de *stencil*, promovida pelo Centro de Mídia Independente (CMI); oficina sobre sadomasoquismo, *fist fucking*, fetiches e demais práticas sexuais não-convencionais; palestra “Educação Popular: rompendo convenções”, vídeo-debates com os filmes: “Kinsey, vamos falar de sexo”, “Transamérica” e exibição de desenhos animados homoeróticos. Novamente a PreParada foi fechada com o já tradicional beijaço e a parada da UFG, juntamente com uma oficina de maquiagem para *Drag Queens*: “Entre feio e saia bonita”. Este ano não há previsão do acontecimento da III Semana Preparada por causa tempo tomado pelas demandas do V Encontro Nacional Universitário de Diversidade Sexual.

3.2.2 – Calourada

As calouradas são eventos de boas vindas aos alunos recém ingressos na Universidade Federal de Goiás e têm como título “O que é ser GLBT na UFG”. O objetivo é incentivar o respeito às diferenças e acolher lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transgêneros que acabaram de se matricular, apesar de não haver registros da presença destes dois últimos sujeitos.

²³ Disponível em: <<http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2003/07/259773.shtml>>. Acesso em 10 out. 2007)

Nestes dois anos e meio de trabalho conseguimos mostrar que a UFG é permeada, como obviamente sempre foi, por pessoas gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais. Transexuais e travestis na intenção de tê-las entre nós, porque infelizmente a UFG não tem essas pessoas.²⁴

A primeira edição aconteceu de 8 a 10 de março de 2006 e sua programação iniciou-se com uma mesa redonda sobre opressões, promovida pelo grupo em parceria com o Centro Acadêmico de Filosofia e História da UFG. Em seguida, foi realizada, no mini-auditório da Faculdade de Educação, uma conferência sobre o que é ser GLBT na UFG. Nos demais dias aconteceram mesas redondas sobre transexualidades com a participação de Beth Fernandes, presidente da ASTRAL-GO, e da professora doutora Berenice Bento, da Universidade de Brasília (UNB), além de uma conferência sobre legislação, conjugalidades e novas famílias, com o Prof. Dr. Luiz Mello. A Calourada terminou com uma festa de confraternização na boate Jump Dance Club, em Goiânia.

A segunda edição ocorreu em parceria com os Centros Acadêmicos de Biologia, Ciências Sociais, Geografia, História e Letras, nos dias 26 e 27 de fevereiro de 2007. Nesta calourada, o Colcha de Retalhos foi palestrante convidado em várias mesas, a exemplo de “Movimentos Sociais”, promovida pelo Centro Acadêmico de Letras e de Geografia; mesas “Raça, Gênero e Sexualidades” e “Democratização da Comunicação”, promovidas pelos CAs de Ciências Sociais, História e Filosofia. Também foi convidado a compor a mesa redonda “Livre orientação sexual e combate a homofobia”, promovida pelo Diretório Central dos Estudantes (DCE) juntamente com a vereadora Marina Sant’Anna (PT-GO), autora do projeto de lei de combate à homofobia, com o Centro Popular da Mulher e também Liorcino Mendes, ativista e colunista do Diário da Manhã.

3.3 – Festas

O Colcha de Retalhos segue uma filosofia de atuação política diferenciada e evita ao máximo a militância tradicional. As festas surgiram na perspectiva de fazer política de forma agradável, lúdica, capaz de integrar o grupo e reforçar laços de amizade.

²⁴ Entrevista feita com Pedro, membro do Colcha de Retalhos, em 14 set. 2007.

Amizades são construídas aqui no Colcha de Retalhos. Nós temos nossas festinhas, que são as “*Socializations*”, que é um momento de diversão e também um momento de atuação política. Pensando a política num conceito maior, não só com aqueles intervenções com reivindicações, mas com intervenções mostrando o que nós somos, o que nós pretendemos ser, ou como nós nos divertimos. Isso para mim é política também.²⁵

É neste aspecto que o coletivo funciona também como um grupo de apoio. Não oferece serviços de assistentes sociais e/ou psicólogos, mas promove a identificação, a desmistificação do homossexual e a fraternidade. Ter uma orientação sexual que é violentamente censurada pela sociedade incentiva o/a homossexual a ter uma visão de anormalidade de si próprio.

Acho que as pessoas esquecem que são humanas, esquecem que têm direitos às coisas. Quando você reafirma o contrário constrói-se uma imagem positiva. Você vai ouvir histórias de outras pessoas e vai saber que não está sozinho no mundo. E em grupo você vai saber os meios de adquirir esses direitos, meios de agir, meios de resistir e meios de manter a minha vida num nível de sobrevivência. Mas sobreviver é pouco. Eu quero é viver bem.²⁶

Ao fazer parte do grupo, percebe-se que existem pessoas iguais que reconhecem as dificuldades umas das outras e se apóiam entre si, já que muitos destes indivíduos de sexualidade “não ortodoxa” sofrem rejeição até mesmo dentro de casa, por familiares. Esta integração e apoio se concretizam com as festas denominadas caricaturalmente como “*Socializations*” e “*Confraternizations*”. *Confraternizations* são encontros simples em que o Colcha e convidados se reúnem para uma atividade coletiva e descontraída. Normalmente uma *confraternizations* é realizada num bar durante um fim de tarde, numa sessão de cinema sobre um filme de temática GLBT, numa visita a alguma exposição ou até mesmo num piquenique em algum parque.

As “*Socializations*” são as verdadeiras festas do Colcha de Retalhos. Sua primeira edição aconteceu em 14 de maio de 2005. Aproximadamente 10 pessoas se reuniram na casa do membro André e assistiram a vários filmes noite afora. Ao passar de várias edições (estima-se que já foram feitas mais de 12 *Socializations*) a estrutura da festa foi se modificando e ficando com as atuais características do evento. As comemorações são feitas em casas cedidas por membros e todas e todos são convidados, não importando se é colcheano ou não.

²⁵ Entrevista feita com Simão, membro do Colcha de Retalhos, em 13 set. 2007.

²⁶ Entrevista feita com Ester, membro do Colcha de Retalhos, em 12 set. 2007.

Tudo é feito através de trabalho coletivo. Pede-se que cada convidado leve de casa algum prato salgado ou doce e mais alguma contribuição financeira para comprar bebidas (estas contribuições não servem para comprar bebidas alcoólicas. Estas devem ser compradas à parte por seus consumidores).

Em todos os avisos de festa deixa-se bem claro que mesmo se a pessoa não tiver condições de ajudar com algum quitute e/ou com dinheiro que não deixe de ir à festa. O Colcha de Retalhos acredita que a confraternização está muito além de limitações financeiras e que isso não possa impedir as comemorações.²⁷

Um diferencial muito interessante nas festas colcheanas é o espaço de intervenções. Neles, todas e todos são incentivados a falarem o que pensam, contarem alguma história, recitar algum poema, cantar alguma música, fazer alguma performance, desabafarem, enfim, se expressarem. É um espaço sem censura onde todas e todos mostram seu orgulho por ser gay, lésbica, bissexual, hétero, travesti, transgênero ou não se encaixar em nenhum destes rótulos. Um lugar de firmar laços, fazer mais amigos, “beijar na boca”, conhecer possibilidades, dançar, chorar, rir, beber e comer muito bem, além de exercer seu direito básico de lazer e convívio social.

3.4 – Atos públicos

O Colcha vem se destacando na sociedade universitária e civil pelos seus atos públicos em defesa do respeito à diversidade sexual e contra a homofobia. Vale citar a presença do coletivo na sessão aberta da Câmara dos Vereadores de Goiânia pela votação da quebra do veto do prefeito Íris Rezende (PMDB-GO) à lei municipal da vereadora Marina Sant’Anna (PT-GO).

São nas ações cotidianas que nós nos envolvemos, como um *advocacy* na Câmara dos Vereadores para que se aprove uma lei anti-descriminalização. Uma lei que não era específica de sexualidade, era uma lei que abarcava gênero, sexualidade, portadores de necessidades especiais, raça, enfim.²⁸

²⁷ Entrevista feita com Jonas, membro do Colcha de Retalhos, em 12 set. 2007.

²⁸ Entrevista feita com Simão, membro do Colcha de Retalhos, em 13 set. 2007.

O Projeto de lei punia com multas os estabelecimentos da capital que tivessem atitudes homofóbicas, racistas e/ou machistas, mas o prefeito vetou alegando erros no texto do projeto. O grupo participou em grande número à sessão para incentivar os vereadores a aprovarem a lei com maioria dos votos. Infelizmente não conseguiram o resultado desejado. O veto não caiu.

Outro ato público de extrema importância foi o protesto no Banana Shopping. Este foi considerado a maior ação-protesto em defesa dos direitos dos GLBTs do centro-oeste e, conseqüentemente, o maior feito do Colcha de Retalhos. No dia 7 de agosto de 2006, um casal de namorados, ambos colcheanos, foram repreendidos por andarem de mãos dadas pelo Banana Shopping, no centro da capital. Eles tentaram argumentar, mas foram obrigados a deixar o estabelecimento.

No dia seguinte, 8 de agosto, o fato foi comentado durante o espaço de informes da reunião do Colcha de Retalhos e causou indignação aos presentes. No mesmo dia, 19 pessoas resolveram ir ao shopping para conversar com os administradores do local e verificar o porquê da repressão. Segundo Mateus, membro do Colcha de Retalhos, ao chegarem ao shopping, os membros do Colcha sentaram-se na praça de alimentação e consumiram refrigerantes.

Dentre as pessoas do grupo, havia gays, lésbicas, bissexuais. Alguns se acariciavam e se beijavam sutilmente na praça de alimentação do shopping, outros estavam acompanhando, apenas. Um segurança contactou o grupo a fim de fazer as pessoas pararem de se manifestar livremente. Ele alegou que casal nenhum poderia se beijar ou darem as mãos no local. A alegação do segurança era contraditória, pois havia casais heterossexuais se beijando no exato momento e que não estavam sendo impedidos de fazê-lo.²⁹

Outro segurança se aproximou e disse que era norma do shopping que homens não poderiam beijar outros homens e mulheres não poderiam beijar outras mulheres, mas que casais heterossexuais eram permitidos. Segundo Mateus, a situação já se tornava tensa, pois os seguranças do shopping afirmavam categoricamente que os homossexuais não poderiam se manifestar no local por conta de “normas”. O grupo passou a ser lesado com as afirmações e não aceitou sair do shopping por conta do motivo que os seguranças alegavam.

De acordo com o membro do Colcha, dois policiais militares chegaram ao local e perguntaram o que ocorria. Foi explanada a situação de preconceito e homofobia no shopping,

²⁹ Relato de Mateus retirado de <www.gymp3.multiply.com>, acesso em 15 out. 2007.

quando o gerente se aproximou dizendo que naquele local não eram permitidos beijos entre homossexuais.

Foi solicitado ao gerente seu nome para que fosse iniciada uma ação judicial contra o shopping. Ele negou a informação. O referido gerente, com ameaça e deboche disse, gesticulando freneticamente, para o grupo entrar com uma ação. Um dos estudantes gritou: “eu preciso de um nome para entrar com uma ação contra esse local vagabundo”. No exato momento um dos PMs imobilizou um dos estudantes falando “se você fizer alguma coisa eu te quebro a cara”.³⁰

A situação, que deveria ser resolvida por meio de diálogo, foi levada pela força policial a níveis além do imaginado. Em posição de revista, o estudante imobilizado argumentou com um outro PM sobre o que ocorria. Enquanto isso, as demais pessoas do grupo discutiam com policial, gerência e segurança do shopping, recebendo ameaças.

De acordo com Mateus, a situação de preconceito e discriminação perdurou. O grupo saiu do shopping bradando “homofobia é crime”, se deslocou até a sede da Associação de Gays, Lésbicas e Transgêneros (AGLT), também de Goiânia, e relatou o caso para a advogada da ONG, Helena Carramaschi. Dessa forma, o grupo entrou com um processo judicial contra o shopping.

O acontecimento foi divulgado pela internet, por e-mails, listas de discussões, fóruns, sites de relacionamento. Uma convocação em massa foi feita a todas e todos que se posicionam contra a homofobia. O resultado foi um protesto, às 17 horas, horário de pico, com mais de 150 pessoas na porta do shopping, em pleno centro da cidade, portando cartazes, apitos e distribuindo folhetos explicando o porquê do protesto e denunciando a postura preconceituosa do shopping. A repercussão foi alta e o acontecimento foi coberto pela mídia local e divulgado em sites de notícias por toda a rede de computadores.

O Colcha foi responsável pelo maior ato público da história do movimento GLBT goiano, o ato que nós fizemos na porta do Banana Shopping. Foi o Colcha quem colocou mais de 150 pessoas na porta do estabelecimento pra dizer que a gente tem direito de beijar na boca aonde a gente quiser. Dizer: “Uma Banana para a Homofobia”. Na época nós até brincamos dizendo que foi o momento “Stonewall” de Goiânia. Colocar 150 pessoas, às 5 horas da tarde, em horário de pico, no centro da cidade, com cartazes na mão, apito na boca e balões, falando: eu sou veado, sou sapatão, sou travesti, sou bissexual, sou heterossexual simpatizante e não aceito nenhum tipo de discriminação. Aquele ato é uma cena que não vai sair da minha memória de jeito nenhum, como um dos principais feitos do Colcha de Retalhos.³¹

³⁰ Relato de Mateus retirado de <www.gymp3.multiply.com>, acesso em 15 out. 2007

³¹ Entrevista feita com André, membro do Colcha de Retalhos, em 13 set. 2007.

A ação foi promovida pelo Colcha de Retalhos e teve o apoio de outros grupos como a AGLT, Ipê Rosa, Grupo Lésbico de Goiás (GLG), grupo Resistência Feminista Revolucionária e Centro de Mídia Independente (CMI). O protesto no Banana Shopping foi considerado o Stonewall de Goiás pela importância do acontecimento e seu pioneirismo, fazendo uma referência à resistência dos homossexuais que freqüentavam o bar de mesmo nome, citado no primeiro capítulo.

3.5 – Encontro Nacional Universitário de Diversidade Sexual

O Encontro Nacional Universitário de Diversidade Sexual (ENUDES) é um evento de caráter político-acadêmico. A primeira edição ocorreu em Belo Horizonte (MG), em 2003, com o objetivo de promover no movimento estudantil o debate sobre gênero e diversidade sexual. As outras três edições aconteceram em Recife (PE), em 2004; Niterói (RJ), em 2005; Vitória (ES), em 2006, e em Goiânia (GO), em 2007. O ENUDES reúne estudantes de todo o país e procura traçar estratégias que possibilitem debate e ações comuns dentro da comunidade universitária Nacional.

O V ENUDES foi realizado e construído pelo grupo Colcha de Retalhos e ocorreu de 11 a 14 de outubro de 2007, em Goiânia, nas Faculdades de Educação e Direito da Universidade Federal de Goiás. Com o tema “Militância e Academia: ressignificando práticas e conceitos para a subversão da heteronormatividade”, o encontro manteve três grandes troncos de discussão: gênero, raça e classe.

A vinda do ENUDES para cá é reflexo de nossa militância. A aprovação de Goiânia para ser sede por unanimidade, por aclamação; a retirada da candidatura de Salvador, isso é uma resposta dessa comissão nacional que gira em torno do ENUDES à militância que vem sendo construída aqui.³²

O termo “heteronormativo” define representações, teorias e práticas sociais que pressupõem a naturalidade da heterossexualidade e de suas manifestações. A divisão do casal em “ativo” e “passivo”, ou seja, a visão da sexualidade como eminentemente penetrativa, marcada pela idéia de reprodução, é heteronormativa, mesmo se dando em um casal de homens ou de mulheres.

³² Entrevista feita com André, membro do Colcha de Retalhos, em 13 set. 2007.

Na atual realidade política e social há uma grande necessidade de se discutir sobre a atuação conjunta de Universidade e dos Movimentos Sociais a fim da transformação social. É necessário que ambos os contextos estejam interligados para que se viabilize produção acadêmica e militância política convergentes para construção de uma sociedade mais justa, solidária e democrática. Considerando, ainda, que além dos debates sobre opressão de classe, é fundamental empreender estudo e militância que problematizem opressões de gênero, raça e sexualidade. Trazer ao debate as especificações de outros segmentos sociais faz com que os movimentos pela livre orientação sexual e identidade de gênero reavaliem suas práticas, trazendo à tona as diversas realidades que envolvem estes segmentos e deixando de lado o caráter de aparente homogeneidade das comunidades lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transgêneros e transexuais.³³

A subversão da heteronormatividade nos diversos contextos sócio-políticos é uma via para o estabelecimento de convivências plurais, que respeitem as expressões de sexualidade humana que não correspondam à matriz heterossexual.

O encontro ofereceu quatro grandes mesas de discussão com renomados teóricos e ativistas das causas das sexualidades, gênero, raça e classe: Miriam Pillar Grossi (UFSC) na mesa de abertura; Bárbara Graner (SP), Berenice Bento (UnB), Marisa Fernandes (SP) e Thimoteo Camacho (ES) na mesa de gênero; Alex Ratts (UFG), Fernanda Benvenuti (PB), Gláucia Almeida (RJ) e Márcia Cabral (SP) na mesa de raça; Beth Fernandes (GO), Cláudia Rosa Rodrigues (SP), Luiz Mello (UFG) e Marcelo Nascimento (AL) na mesa de classe.

O V ENUDS obteve 400 congressistas inscritos, 49 trabalhos acadêmicos no formato de comunicações, 12 oficinas e 10 mini-cursos. Além de três confraternizações temáticas: festa de visibilidade lésbica, festa experimental e o tradicional TRANSENUDS – festa na qual os participantes se travestem do gênero oposto. Mais de 160 resoluções políticas elaboradas e esquematizadas via grupos de discussão e trabalhos (GDT) foram votadas em plenária.

Neste último capítulo pretendeu-se citar e esquematizar algumas das atividades que o Colcha de Retalhos já fez em prol da cidadania e dos direitos humanos nestes dois anos e meio de existência. Desde suas festas de caráter de confraternização, suas ações acadêmicas e teóricas, até seus atos políticos de grande impacto, como o protesto contra a homofobia no Banana Shopping.

³³ Texto de apresentação do V ENUDS. Disponível em <www.5enuds.kit.net>. Acesso em 25 set. 2007.

CONCLUSÃO

No capítulo anterior foram descritas algumas ações do Colcha de Retalhos, desde as suas festas até protestos e palestras. Analisando estes dados, pode-se concluir que, de fato, este coletivo promove a cidadania e os direitos humanos.

As reuniões do grupo, de caráter deliberativo, incentivam o discurso das mulheres e servem como meio de divulgação para eventos relativos à formação política de cidadãos. Servem também como oficinas que preparam o militante para agir de forma adequada e positiva em ambientes extremamente politizados, como assembleias e plenárias, garantindo seu direito de fala e defesa de suas idéias.

Palestras, conferências e mesas redondas preparam o indivíduo intelectualmente para torná-lo capaz de usar os argumentos lógicos nas situações corretas, para defender seus direitos e não se deixar oprimir em casos de homofobia e preconceitos. A Calourada e a PreParada têm funções de formação política e contribuem para a construção de um cidadão que luta pelos seus direitos.

Hoje, as pessoas que fazem parte do Colcha têm muito mais liberdade, muito mais poder de ação, de intervenção, tanto sozinhas, como em grupo, para combater qualquer ato de injustiça e não só homofóbicos, lesbofóbicos, transfóbicos, mas qualquer ato de injustiça.³⁴

As festas têm caráter de união e confraternização e reforçam a consciência da importância da coletividade para reais e positivas mudanças na sociedade. Além de reforçar amizades, possibilita apoio moral e psicológico a vítimas de preconceito.

A possibilidade de abrigar e organizar um encontro de caráter nacional, como o ENUDS, viabiliza uma rica troca de experiências entre pessoas de diversas realidades dentro do território brasileiro e promove a união de diferentes grupos universitários que lutam pela diversidade sexual por todo o país, fortalecendo a juventude GLBT e sua capacidade de moldar uma sociedade mais justa e cidadã. A partir do ENUDS o Colcha passou a ter maior visibilidade pelo menos em todas as universidades do Brasil que têm grupos que discutem a diversidade sexual.

Atos públicos, como o do Banana Shopping e as Paradas do Orgulho dentro do Campus, remetem à importância da visibilidade do Colcha de Retalhos, tanto dentro da

³⁴ Entrevista feita com André, membro do Colcha de Retalhos, em 13 set. 2007.

comunidade universitária quanto na sociedade goianiense. A visibilidade de uma causa ou de um grupo gera discussão e, conseqüentemente, a consciência da existência deste grupo. É assumir que existe a diversidade, além de servir como conscientizador das diferenças e da naturalidade das mesmas. A fala de Pedro, membro do Colcha de Retalhos, define com precisão a importância da visibilidade política:

Dar visibilidade é garantir cidadania. Porque quando se vê, você gera discussão, e quando você gera discussão pode gerar algum tipo de transformação. Esta transformação chega ao nível da conquista e da manutenção da cidadania.³⁵

A premissa pesquisada neste trabalho questionou se o Colcha de Retalhos era promotor de cidadania e como ela era promovida. Ela se mostra verdadeira ao analisar todas as atividades citadas no terceiro capítulo e as entrevistas dos ativistas. Para pesquisas futuras, deixa-se uma possibilidade de desdobramento do tema: adicionando uma pesquisa quantitativa para colher informações sobre a aceitação de homossexuais no meio acadêmico, é possível verificar o reflexo das ações do Colcha de Retalhos na população universitária heterossexual.

Conclui-se que a atuação do grupo é completamente positiva e válida. A capacidade de atuação do coletivo Colcha de Retalhos não se limita à sexualidade, mas a defesa da cidadania plena através da mudança de toda a sociedade. Sua transformação numa comunidade pacífica, justa e igualitária.

³⁵ Entrevista feita com Pedro, membro do Colcha de Retalhos, em 14 set. 2007.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA NETO, Luiz Mello. *Da diferença à igualdade: os direitos humanos de gays, lésbicas e travestis*. In: GOYA, Luiz. et al. **Direitos Humanos e Cotidiano**. Goiânia – GO: Bandeirante. 2001

CARBONARI, Paulo César. *Situação dos direitos humanos no Brasil*. In: MOSER, Cláudio & RECH, Daniel (orgs). **Direitos humanos no Brasil: diagnóstico e perspectivas**. Rio de Janeiro – RJ: Mauad. 2004.

CARDOSO, Fernando Luiz. **O que é Orientação Sexual**. São Paulo: Brasiliense. 1996.

CASTELLS, Manuel. *O Poder da Identidade. Era da Informação: economia, sociedade e cultura*. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999, v. 2.

CONDE, Michele Cunha Franco. **O movimento homossexual brasileiro, sua trajetória e seu papel na ampliação do exercício da cidadania**. Dissertação de Mestrado. Departamento de Sociologia. UFG. 2004.

FACCHINI, Regina. **Sopa de Letrinhas: movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90**. Rio de Janeiro. Ed. Garamond, 2005.

FRY, Peter & MAC RAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense. 1985.

GREEN, James. **Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo: UNESP, 2001.

GUIMARÃES, Francisco Xavier da Silva, **Nacionalidade: Aquisição, Perda e Reaquisição**. 1ª edição, Forense, 1995.

LEONELLI, Vera (org). **ABC Direitos Humanos**. Salvador: UNICEF, Projeto Axé, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. *Teoria Queer – uma política pós-identitária para a educação*. **Revista Estudos Feministas**. vol.9 no. 2. Florianópolis. 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2001000200012. Acessado em 29 de setembro de 2007.

MACRAE, Edward. **A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da “abertura”**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

MARCONI, Marina de Andrade & LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. São Paulo. Ed. Atlas. 1990.

MARSHALL, T.H. **Cidadania, classe social e status**. Rio de Janeiro: Zahar. 1997.

MOTT, Luiz. *Os homossexuais: as vítimas principais da violência*. In: VELHO, Gilberto & ALVITO, Marcos (orgs.). **Cidadania e Violência**. Rio de Janeiro – RJ: UFRJ/FGV. 1996.

_____. **Homossexuais da Bahia, dicionário biográfico**. Salvador: Grupo Gay da Bahia, 1999.

_____. **Homossexuais: Mitos e Verdades**. Salvador: Grupo Gay da Bahia. 2003

_____. **Porque os homossexuais são os mais odiados dentre todas as minorias?** (2004).

Disponível em: <http://br.geocities.com/luizmottbr/artigos.html>. Acesso em 09 de setembro de 2007.

MOTT, Luiz & CERQUEIRA, Marcelo. **“Matei porque odeio gay”**. Salvador: Grupo Gay da Bahia. 2003.

PERUZZO, Cícilia Maria Krohling. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. Petrópolis – RJ: Vozes. 1998

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. Rio de Janeiro: Record. 2000.

TOURAINÉ, Alain. **Crítica da modernidade**. Petrópolis – RJ: Vozes. 1994

_____. **Poderemos viver juntos? Iguais e diferentes**. Petrópolis – RJ: Vozes. 1998

WEEKS, Jeffreys. *O corpo e a sexualidade*. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte – MG: Autêntica. 2001.

APÊNDICES

APÊNDICE – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

I – JONAS, membro do Colcha de Retalhos

1. O que é o Colcha de Retalhos?

Bem, o Colcha de Retalhos é o grupo de diversidade sexual da UFG.

2. E por que você participa do grupo?

Eu comecei a participar do grupo antes mesmo dele existir. Eu tinha acabado de me assumir. Descobrir que eu era homossexual. Eu fazia o começo do terceiro ano quando vi os cartazes espalhados pelo campus sobre o grupo de diversidade sexual, falando da primeira reunião. Entrei para o grupo, comecei a fazer parte das discussões. Me identifiquei bastante com as pessoas que fazem parte dele. Antes da própria existência do grupo existem as pessoas, eu concordava e acreditava no que elas diziam. Foi uma maneira de descobrir um grupo que tinha as mesmas necessidades e as mesmas visões relacionadas à sexualidade aqui na UFG.

3. Através de sua percepção, quais são os resultados das ações e da própria existência do grupo Colcha de Retalhos?

A existência do grupo colcha de retalhos passou a dar respaldo para nossas atitudes aqui na UFG. Antes, se você desse “pinta” (ter trejeitos efeminados) ou falasse algo dentro de sala de aula você poderia sofrer preconceito, alguma ação homofóbica. As pessoas não sabiam a quem recorrer. A partir da existência do grupo, passou a existir uma instância onde se poderia buscar apoio dentro da universidade. Eu acho que a principal ação e resultado da existência do grupo é a sensação de segurança, de liberdade. Já que você tem um grupo que luta pela sua causa e em sua defesa.

4. Você acha que o Colcha de Retalhos constrói cidadania homossexual dentro e fora da UFG?

Depende do conceito de cidadania. Como eu tinha dito antes, a existência do grupo te dá um respaldo, um apoio que antes não existia. Então hoje você pode assumir sua homossexualidade sem maiores danos, devido a isso. Então eu acho que com a sensação de

liberdade que o grupo proporciona ele constrói cidadania sim. Já fora da universidade isso não é tão evidente porque a cidade é muito grande, o grupo não atua em toda ela. Ele não está presente em todos os bairros, famílias e casos. Então eu acho que essa cidadania homossexual não é tão clara fora da UFG, mas dentro dela sim.

5. Como você vê o Colcha de Retalhos no cenário do movimento homossexual brasileiro?

Eu vejo o Colcha como o topo de uma lista de ONGs e grupos que discutem sexualidade e que lutam pelos direitos dos homossexuais. Pela própria política do Colcha de ser um grupo horizontal, que defende uma política *Queer* não partidária, eu acho que é um grupo inovador que traz uma visão bem diferente de construção de movimento social e por isso ele se diferencia. É unânime, dentre os grupos que lutam pela diversidade sexual no Brasil, que o grupo é uma vanguarda. Eles querem, de alguma forma, fazer parte, entrar em contato conosco. O Colcha inova, pela sua maneira de atuação, por ser um grupo universitário. É um dos grupos mais competentes, pra não dizer o mais atuante, no Brasil.

II – RUTE, membro do Colcha de Retalhos

1. O que é o Colcha de Retalhos?

O Colcha, pra mim, é mais que um movimento. Começou com um grupo de pessoas que se revoltavam com várias coisas que aconteciam na universidade. É um grupo que luta pela cidadania, pelos direitos iguais para homossexuais, heterossexuais, para travestis. A idéia é essa, de direitos iguais.

2. E por que você participa do grupo?

Não é só porque tenho amigos meus lá, não. Eu participo do Colcha por que me identifico. Eu faço parte de uma parcela da população que não é valorizada, mas que tem os mesmos direitos. Participo do Colcha não só pra lutar pelos meus direitos, mas pelos direitos das outras pessoas. É utópico falar, mas é para pensar e construir uma sociedade melhor.

3. Através de sua percepção, quais são os resultados das ações e da própria existência do grupo Colcha de Retalhos?

As ações são voltadas, principalmente, para dar visibilidade a homossexuais, travestis e transexuais. Acho que o fato de ser visível coloca uma questão de que as pessoas têm que saber que existe. Elas muitas vezes ignoram, fingem que não existe, pensam que não é com elas como se isso não acontecesse na família delas ou com elas. Ocorrer dela sentir desejo. Sentir desejo que não seja considerado hegemônico. Como a maioria das pessoas vivencia. A visibilidade é para as pessoas encararem que existem desejos diferentes dos dela.

Serve muito bem para informar, pois acho que muitas pessoas não entendem e não aceitam porque nunca pararam para pensar a respeito e não têm nenhum conhecimento. A questão da visibilidade serve para informar, porque, se elas tiverem abertas, pois muitas vezes elas estão abertas para conhecer outras possibilidades, podem pensar que todas as pessoas têm direito de viver a sexualidade da forma que elas desejarem. Ela tem que entender que, da mesma forma que ela têm direito, as outras também têm direitos de viver sua sexualidade.

4. Você acha que o Colcha de Retalhos constrói cidadania homossexual dentro e fora da UFG?

Eu acredito que sim, por diversas ações como a PreParada, os beijaços, sabe? Diversas ações do Colcha são nesse sentido de tornar visível, exigir que homossexuais, transexuais sejam respeitados e que tenham os mesmos direitos.

5. Como você vê o Colcha de Retalhos no cenário do movimento homossexual brasileiro?

Existem, segundo meu conhecimento, alguns grupos em diversas universidades. Grupos de estudantes, na maioria das vezes. Por exemplo, em Campinas, São Paulo, conheci o Diversidade Sexual, com este mesmo intuito de ser um grupo de alunos dentro da universidade que discutam homossexualidade, transexualidade. Eu acho importante não só existirem movimentos fora da universidade, mas dentro dela também.

Há movimentos que cuidam mais de algumas categorias fora da universidade, mas é muito importante ter movimentos dentro da academia também. Na questão da formação, por exemplo, em educar professores para a diversidade sexual para eles terem atitudes corretas e

Discutirem com os alunos em vez de rirem de piadas homofóbicas. Eu acho que o Colcha tem muita importância, assim como muitos outros movimentos dentro das universidades.

III – ESTER, membro do Colcha de Retalhos

1. O que é o Colcha de Retalhos?

O Colcha de Retalhos, pra mim, é um grupo militante e acadêmico. Foi criado dentro da universidade por pessoas que pensavam um espaço em que se poderia agregar essas duas faces, tanto a de discutir como essa universidade, assim como essa cidade, tinha expressões lesbofóbicas, homofóbicas, transfóbicas, como qualquer outro lugar. Como se poderia não só discutir isso academicamente, mas também chamar as pessoas para fazerem militância. Algumas delas já tinham militância em outros espaços, espaços que também tinham necessidade de discutir sexualidade, mas não era o ponto principal.

É um movimento que visa propor ações e discussões que interferissem no espaço da UFG e que pegou proporções maiores englobando Goiânia também. Inicialmente agíamos na UFG. Tinham somente pessoas que tinham sofrido homofobia aqui dentro e depois tornou-se uma coisa mais ampla. Um movimento com uma perspectiva de não necessariamente não ser identitário e de querer agregar todas as pessoas, tanto héteros, gays, lésbicas e pessoas que não tinham identificação. Isso foi tomando um corpo bem maior, ao longo do grupo. Começamos com ações mais dentro da UFG com a tendência de não só ficar entre as ciências humanas, mas agregar todas as áreas do conhecimento dentro da UFG. Para algumas pessoas o Colcha foi um grito, porque isso tudo não existia antes. É um espaço de militância, de estudos acadêmicos e um espaço de construção das pessoas, de sua identidade ou não-identidade.

2. E por que você participa do grupo?

Eu participo do Colcha por querer estar em um grupo onde a sexualidade fosse mais focalizada. Foi bem na época em que me percebi bissexual e estava começando a sentir todo o peso que é quando você está tentando fugir da heterossexualidade. É bom. Ao mesmo tempo em que você quer sair gritando e pulando, você sente todas as forças contrárias. Passar por isso sozinha é ruim. Em grupo passa ser bem mais interessante discutir. Em grupo você tem reação contra toda força contrária. E por também acreditar em um espaço onde várias pessoas juntas

conseguem ter ações com visibilidade. Conviver com pessoas que têm trajetórias de vida em comum é fantástico. É uma questão de resistência incrível. Gosto muito da idéia de resistência.

3. Através de sua percepção quais são os resultados das ações e da própria existência do grupo Colcha de Retalhos?

Vou citar um pouquinho das ações. Aqui na UFG, as pessoas começaram a perceber que no lugar onde elas estavam existiam gays, lésbicas. As ações deram bastante visibilidade. Influenciou até na parte acadêmica, das pesquisas etc. Elas tiveram um aumento. Em Goiânia, na perspectiva maior, você teve um grupo com uma visão diferente dos demais, porque era um grupo que agregava um número maior de pessoas, mais jovens. Não é centralizado, não é vertical, trabalha numa lógica bem diferente dos outros grupos GLBT que tem em Goiânia. O fato de ter militância dentro da UFG é coisa que o Colcha trouxe. E também trouxe um espaço onde gays e lésbicas poderiam entrar e se sentirem acolhidos.

4. Você acha que o Colcha de Retalhos constrói cidadania homossexual dentro e fora da UFG?

Dentro da UFG você tem um espaço referencial para gays, lésbicas e transgêneros. Também temos pessoas que não são da UFG, mas que fazem parte do Colcha por interesse em discutir e de promover ações que de fato mudem a sociedade. Então eu acho que constrói sim. Acho que as pessoas esquecem que são humanas, esquecem que tem direito às coisas e quando você não reafirma isso você constrói uma imagem positiva. Você vai ouvir histórias de outras pessoas e vai saber que não está sozinho no mundo. E em grupo você vai saber os meios de adquirir esses direitos, meios de agir, meios de resistir e meios de manter a minha vida num nível de sobrevivência. Mas sobreviver é pouco. Eu quero é viver bem. E eu acho que o grupo proporciona isso, tanto fora quanto dentro da UFG.

5. Como você vê o Colcha de Retalhos no cenário do movimento homossexual brasileiro?

Do que eu conheço do movimento homossexual brasileiro, eu acho que o Colcha acaba de se distinguindo pelo menos do que tem tradicionalmente. Por ele ter surgido em um meio não viciado, as pessoas não o entendem. Por ele ser mais amplo, por não ser centralizado,

ficam sempre se questionando sobre os processos de auto-construção. O Colcha se aproxima do movimento GLBT brasileiro, mas ele não está inserido completamente nele. Não é uma ONG, não é uma instituição. E o movimento brasileiro funciona muito desta forma, sempre seguindo esta lógica de institucionalização. E por não seguir essa lógica, o Colcha se não se insere e nem quer se inserir.

IV – PEDRO, membro do Colcha de Retalhos

1. O que é o Colcha de Retalhos?

É um coletivo de estudantes da UFG que tem como objetivo principal garantir a articulação de pessoas que não experimentam sua sexualidade da forma hegemônica, ou seja, dentro da heterossexualidade e que a partir de reuniões periódicas procuram articular ações políticas para romper com essa linearidade sexual hegemônica que seria a heterossexualidade. Não querendo criar guerras ou conflitos, mas trazer o diálogo para dentro e fora da UFG das discussões de sexualidade, relação de gênero, se pensar a diversidade sexual, onde não existe apenas a heterossexual, mas também a homossexual, a bissexual, transexual, travestis, lésbicas. Esse é um dos objetivos do Colcha, agregar pessoas no intuito de formação de ativismos em prol da diversidade sexual.

2. E por que você participa do grupo?

Eu participo do Colcha porque me identifico com a proposta do grupo. Eu já fiz parte do movimento social, esse movimento genérico que não me contemplava. As reivindicações que eu defendia não eram contempladas naquele espaço. Eu participei da primeira reunião e depois eu tive que viajar. Quando voltei o Colcha já estava estabilizado e com ações reconhecidas dentro da universidade e eu achei maravilhoso poder entrar no grupo. Essas coisas que fazemos sempre foram o que eu sempre desejei. É num sentido de identificação mesmo. E o prazer de estar junto das “bichas”, das “sapatões”. É muito bom.

3. Através de sua percepção, quais são os resultados das ações e da própria existência do grupo Colcha de Retalhos?

Visibilidade dentro da UFG para o público GLBT. Acho que esse é o ponto mínimo. Nestes dois anos e meio de trabalho conseguimos mostrar que a UFG é permeada, como obviamente sempre foi, por pessoas gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais. Transexuais e travestis na intenção de tê-las entre nós porque infelizmente a UFG não tem essas pessoas. Visibilidade fora da UFG, quanto ao público GLBT do estado de Goiás. Você conversa com as bichas e sapatões de lugares pouco relacionados com a universidade e as pessoas sabem que o Colcha de Retalhos existe, isso por causa das ações que a gente faz fora da UFG. Acho que conseguimos conquistar esse espaço pela seriedade que o grupo tem.

4. Você acha que o Colcha de Retalhos constrói cidadania homossexual dentro e fora da UFG?

Com certeza. Dar visibilidade é garantir cidadania. Porque quando você vê, você gera discussão, e quando você gera discussão pode gerar algum tipo de transformação. E esta transformação chega ao nível da conquista e da manutenção da cidadania. Não é fácil. Algumas ações a gente ganha, algumas...

Nós do Colcha temos coragem de mostrar nosso afeto dentro da universidade porque nós sabemos que se alguma coisa acontecer temos um coletivo muito forte que vai imediatamente verificar se há algum tipo de desrespeito aos nossos direitos. E eu acho que as nossas proposições políticas de fazer “beijaços”, ir à Câmara dos Vereadores exigir que seja aprovada lei que proíbe e coíbe a homofobia na cidade de Goiânia, acho que tudo isso é tentativa de construir cidadania, acho que nós temos essa intenção sim.

5. Como você vê o Colcha de Retalhos no cenário do movimento homossexual brasileiro?

Acho que, a partir do ENUDS que é o Encontro Nacional Universitário de Diversidade Sexual, que é nacional, o Colcha passou a ter visibilidade pelo menos em todas as universidades do Brasil que têm grupos que discutem a diversidade sexual. Há aproximadamente uns dez grupos universitários organizados em todos o país, dentro do movimento universitário.

Mas no meio militante institucionalizado, via ONGs, talvez depois do ENUDS o grupo fique mais reconhecido.

Nós pretendemos ser diferentes porque a maioria do Colcha não acorda com a perspectiva identitária que os movimentos GLBT tendem a ter. Então a gente procura outras entradas para ter ativismo pela diversidade sexual. Acho que isso não é claro pra todo mundo, pois o critério identitário ainda é muito forte no grupo.

Dentro do grupo nós assumimos uma identidade como forma estratégica. Somos gays, lésbicas ou bissexuais para garantir respeito ali no espaço, mas essas identidades não conseguem dar conta de toda nossa experiência de vida cotidiana. Eu digo isso porque o movimento GLBT brasileiro é extremamente identitário. Como se gay nascesse gay. E aí é complicado. E o Colcha não tem essa proposta de aproximação “naturalizante” da sexualidade

V – MATEUS, membro do Colcha de Retalhos

1. O que é o Colcha de Retalhos?

Eu prefiro considerar o Colcha um coletivo de pessoas que discutem sexualidade e temas correlatos como gênero, raça, sexualidade, saúde, corpo, todos que se possam alinhar e, paralelamente, um grupo que trabalha a perspectiva de movimento social. Um grupo militante. Somos um grupo, um coletivo auto-organizado, anti-hierárquico, anti-homofóbico, que tem essa pretensão. Ao passo que discute, promove ações que não sejam apenas discussões, mas também ações políticas que alcançam outras instâncias, que vai pela promoção de eventos, pela promoção de atos contra a homofobia, pela parceria e estabelecimento de contatos, pelo oferecimento de mini-cursos. É um grupo que tem essas preocupações.

2. E por que você participa do grupo?

Eu faço parte porque eu encontrei, através do Colcha, a oportunidade de promover ação política e refletir sexualidades. Porque me interessa muitas entradas de discussão e de movimentação social, seja ela relacionada ao feminismo, ao movimento negro, às questões relacionadas à opressão de classes. Havia todas essas situações oferecidas no ano que eu entrei da UFG, em 2004, e como minha intenção de entrar numa universidade e não ter só estudo *stricto*

sensu em sala de aula, mas ver que é possível produzir e adquirir conhecimento de outras formas fora desse ambiente tradicional, através de um grupo isso foi viável.

E pra mim um grupo que mais gostaria de atuar é o Colcha. Porque inclusive eu ajudei a pensar quais seriam os “suls”, como “sulizar” o Colcha, para não pensar em “norte”, não quero nem ir para o norte. Eu quero ir pro sul. E a idéia foi essa.

A partir de 2005, por essas minhas buscas por grupos e movimentos, descobri essas possibilidades de articulações de movimentos sociais que pautassem e passassem pela universidade e que trabalhassem com sexualidade. Isso eu descobri no Fórum Social Mundial em 2005. Nós articulamos aqui em Goiânia, a partir de 2005, o Colcha.

Eu percebo o Colcha como uma das minhas principais instâncias de articulações políticas e discussões. É onde em mais de dois anos eu tenho aprendido a fazer política e estar em contato dialogando e conversando com vários sujeitos, vários grupos, inclusive falando por autorização do grupo e em função do grupo. Muitas das coisas, não é? É muito bom quando você tem uma proposta política de sua militância pessoal você tem paralelo a isso um grupo em que você se ancore. E eu cito o Colcha por me sentir amparado pela estrutura e pela proposta.

3. Através de sua percepção, quais são os resultados das ações e da própria existência do grupo Colcha de Retalhos?

Resultados? São inúmeros. São análises que dependem muito da conjuntura. Inicialmente o grupo foi pilar para o estabelecimento de uma situação aqui na UFG que é a possibilidade de encontro de pessoas homossexuais, gays e lésbicas, e de pessoas que queriam pensar e discutir juntos essas vidas e possibilidades de manifestações de sexualidade cotidiana. Que não são identidades heterossexuais. Apesar do grupo não trabalhar com essas identidades fixas.

Mas em um primeiro momento pode-se falar que as pessoas passaram a se conhecer, a se encontrar e a se permitirem visíveis, apesar do grupo trabalhar numa perspectiva de diversidade sexual, as pessoas vêem o grupo como um grupo de homossexuais, de gays, lésbicas, “sapatões”, “bichas”, travesti, transexual, apesar de não termos travestis e transexuais na UFG, pelos meus conhecimentos. Mas o grupo deu esse outro caráter de visibilidade para outras experiências de sexualidade que não sejam a heterossexual.

Outro âmbito é o fato dessas pessoas se imporem a ponto de querer combater preconceitos que sofriam e que sofreram por vários casos de homofobia, seja por questão verbal ou física. Um terceiro ponto que se pode acrescentar é o alcance das ações do Colcha para fora da universidade. Ele amplia sua atuação porque ele transpassa o âmbito da universidade, onde ele se originou.

Então é possível pensar que os resultados dessa atuação do Colcha são: visibilidades de grupos e de pessoas com sexualidades não hegemônicas. Não citando que a heterossexualidade seja hegemônica, mas não é dado a homo e bissexualidade, trans, sejam hegemônicas, aqui no nosso contexto de Goiânia. Visibilidades, articulação política do grupo e fomentar no movimento GLBT uma perspectiva de ação não-identitária. Não restringir ao GLBTs, mas pensando em diversidades sexuais e outras possibilidades de encarar a sexualidade, não como substrato ou como questão secundária, mas via primordial de se enxergar o mundo e de se fazer conhecimento.

A chave é a sexualidade. A partir das vivências de sexualidade podemos pensar a sociedade, assim como se pode pensar a sociedade pelo ponto de vista de raça, classe e gênero. É interessante que o grupo trabalha a perspectiva de pensar e interferir na sociedade pela sexualidade.

4. Você acha que o Colcha de Retalhos constrói cidadania homossexual dentro e fora da UFG?

Sim. Na verdade nós somos aleijados de possibilidades de viver cidadania. Acho que para falar sobre cidadania no Brasil nós teríamos que flexibilizar muito o conceito para achar quem é realmente cidadão. Mas eu penso que sim, ao passo que o grupo possibilita que as pessoas se emponderarem de diversas identidades pelo contato com pessoas que não sejam heterossexuais, que dá ênfase para a pessoa enfrentar, ser visível dentro do campus. Também a articulação política que é possível fazer.

Temos parcerias com movimentos que trabalham com pautas relacionadas à saúde, à AIDS, como na nossa entrada no Fórum de ONGs AIDS, seja na militância de raça, como nossa parceria com o Coletivo de Alunos Negros Beatriz Nascimento (Canbenas), nossa questão do UFG Exclui para tentar barrar o projeto que não contempla a raça.

Ao permitir que esse coletivo construa indivíduos que vão, a partir dessa militância, intervir concretamente nas demais instâncias, seja em sala de aula, seja em grupos de movimento social, seja na sociedade civil. Quaisquer que sejam as instâncias, é possível pensar que o grupo fomenta essa cidadania. Essa possibilidade de galgar posições mais próximas do que seria uma cidadania plena. Não pensando na cidadania da lei, que é a dos deveres e direitos, mas uma cidadania de estar ciente de uma não plenitude de direitos, uma não plenitude de possibilidade de se sentir contemplado como indivíduo numa sociedade que é coercitiva, que penaliza as pessoas por questão de orientação sexual, classe, raça, gênero, etnia.

E o fato dessa consciência ser trabalhada instiga os indivíduos que fazem parte do grupo a atuarem numa consciência e a partir desta consciência a pessoa estaria apta ou estaria capacitada para começar a atuar de alguma forma.

5. Como você vê o Colcha de Retalhos no cenário do movimento homossexual brasileiro?

Eu vejo que o Colcha não está correspondendo ao o que é hegemônico ao que é movimento social GLBT no cenário nacional. Talvez, se pensar num cenário de movimento social “ortodoxo” GLBT, se possa refletir que tenha essas identidades, só identidades. Porque para construir sujeito político e reivindicar postura do estado, postura de políticas públicas, reconhecimento da sociedade civil, é necessário criar um sujeito político gay, lésbico, bissexual, travesti, transexual, transgênero que tenha evidente relevância, mas não é a única entrada que se pode trabalhar na perspectiva de movimento social e militância.

Minha percepção é que o Colcha trabalha sem focar as identidades como prioridade nessa articulação de movimento social e isso o destoa dessas instituições que comumente trabalham com essas vertentes identitárias. Existe uma ONG que abarca toda as demais ONGs que é a ABGLT que significa Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Travestis, Transexuais e Transgêneros. Essa ONG tem representação política forte. Tem lobby no governo. Tem relevância, mas não é uma possibilidade de atuar e o Colcha destoa disso.

O grupo trabalha na perspectiva de diversidade sexual e refletindo em conjunto com a atuação política. As propostas de discutir e promover ação política são mantidas, mesmo em grandes momentos, como a construção do ENUDS, que nós tenhamos que trabalhar mais e não possamos refletir tanto. Todos esses trabalhos são em função de uma lógica na qual as pessoas

vão refletir questionando qual é esse movimento, qual é essa postura de articulação, pensando sexualidade como entrada.

De alguma forma é possível aproximar esses movimentos que trabalham com identidades e que não trabalhem com identidades, pensando que eles querem cidadania, querem direitos iguais, mas é possível pensar o Colcha como centro irradiador de conhecimento também. Até porque o grupo tem pessoas que discutem e produzem trabalhos e teorias a cerca de sexualidades. O grupo produz, não que seja uma produção do grupo, mas o grupo articula possibilidades que essa discussão seja realizada. Nós não somos um grupo apenas de atuação e sim de reflexão também.

VI – ANDRÉ, membro do Colcha de Retalhos

1. O que é o Colcha de Retalhos?

O Colcha de Retalhos é uma tentativa que deu certo de organização dos GLBTs pra tentar construir algum tipo de política dentro da universidade, que desse visibilidade para essa população e que portasse uma necessidade de discussão dessa temática na universidade. Eu acho que cumpre esse papel. É a tentativa de organização de uma nova forma de fazer militância. Uma militância muito mais prazerosa que a militância convencional.

2. E por que você participa do grupo?

Por que eu sou gay. Porque sou militante. Porque eu já militava antes nessa área, antes do surgimento do Colcha. Antes, inclusive, da primeira tentativa de organização do grupo, em 2003. Porque eu gosto das pessoas que estão no Colcha. Porque eu acho importante tocar essa militância. Porque o Colcha é um “babado”. Acho que é basicamente isso.

3. Através de sua percepção, quais são os resultados das ações e da própria existência do grupo Colcha de Retalhos?

Olha, nossa, tanta coisa, Jesus! Vamos fazer como “Jack, o estripador”, vamos por partes. Hoje, as pessoas que fazem parte do Colcha têm muito mais liberdade, muito mais poder de ação, de intervenção, tanto sozinhas, como em grupo, para combater qualquer ato de injustiça e não só atos homofóbicos , lesbofóbicos, transfóbicos, qualquer ato de injustiça. Acho que o

Colcha foi um espaço de formação dessa turma que está aí, essa galera toda, meninas e meninos. Um espaço de formação muito legal. Legal porque, você juntou uma turma de gente que vinha de vários lugares de militância e não militância. Pessoas que militavam, pessoas que não militavam. Pessoas que estavam em outras discussões. A partir daí nós construímos um jeito diferente de construir e se empoderar dentro do discurso da militância para poder construir política real.

4. Você acha que o Colcha de Retalhos constrói cidadania homossexual dentro e fora da UFG?

Os avanços que nós tivemos: hoje a universidade não pode, não consegue negar a existência de gay, lésbicas, pessoas que não seguem, que não são regidos pela matriz heterossexual. Acho que um reflexo disso é o apoio da reitoria à construção do ENUDS. O apoio das instâncias da universidade, o Museu Antropológico, professores envolvidos, a legitimação da academia em relação a esse grupo. Nós temos uma sala, um espaço para a secretaria do ENUDS. Nós nos reunimos dentro da universidade, nós ocupamos os espaços do campus e todo mundo sabe que ali tem gays, lésbicas, tem heterossexual simpatizante, tem pessoas que não se identificam com nenhuma dessas categorias. Esse é um outro avanço.

Do ponto de vista do comportamento: depois do Colcha, principalmente as pessoas do grupo, mas não só a gente, toda essa população que antes era invisibilizada, marginalizada dentro da universidade, hoje ela consegue ocupar espaços da mesma forma, ou próximos do que os heterossexuais ocupam. Então hoje a gente consegue se beijar em público, não que isso seja necessário, mas nós tínhamos muito receio de fazer isso. A gente consegue se reunir e falar sobre “viadagem” em qualquer espaço da universidade. No pátio da universidade a gente fala de gays, de lésbicas, dá “close”, dá “pinta”, coisa que não fazíamos antes do Colcha.

E hoje o Colcha é um espaço de legitimação do poder, de um contra-poder, de um discurso contra-hegemônico, que garante sustentação de ações de pessoas que não são do Colcha. Porque, hoje, quem vai fazer, quem pensar em fazer algum ato homofóbico ou lesbofóbico dentro da universidade sabe que vai ter resposta, pode ser uma resposta grande, uma resposta pequena, mas sabe que vai ter resposta, por causa da visibilidade que o Colcha tem dentro dos espaços da UFG e inclusive no corpo docente e discente. Acho que isso é fundamental.

5. Como você vê o Colcha de Retalhos no cenário do movimento homossexual brasileiro?

Fora da universidade, conseguiu, num curto espaço de tempo, se consolidar como o principal grupo de organização, na perspectiva contra-hegemônica no debate de sexualidade, do estado de Goiás. Eu não tenho a menor dúvida, o menos pudor de dizer isso. Hoje o Colcha é o maior grupo de militância pelos direitos civis e direitos sexuais das pessoas não heterossexuais.

O Colcha hoje cumpre esse papel. E cumpre esse papel com uma lógica de militância diferente da militância que foi construída historicamente no estado. Nós não somos um grupo gerido burocraticamente por um estatuto. É um grupo com uma estrutura totalmente horizontal. Sem regimes de coordenações. É um grupo que se reúne periodicamente e se reúne com qualidade, com uma presença grande de pessoas nestas reuniões. E mostrou para a população do movimento GLBT goiano que existe uma outra forma de fazer militância nessa área.

Nós não concordamos com essa forma que está sendo feita porque nós vemos que essa forma não dá resultado, apesar de ter cumprido um papel fundamental de construção histórica desse movimento no estado, ele não consegue dar respostas para as demandas reais, principalmente pela forma que é organizado, pela estrutura burocrática, verticalizada, a centralização do poder, ou “acháveis” poderes.

O Colcha foi responsável pelo maior ato público da história do movimento GLBT goiano que foi o ato que nós fizemos na porta do Banana Shopping. Os outros grupos vieram a reboque, mas foi o Colcha que fez aquilo ali. Naquela hora tinha a estrutura da AGLT para fazer as coisas, tivemos o apoio do Ipê Rosa, que assinou o documento com a gente, o pessoal da ASTRAL também. Mas quem colocou mais de 150 pessoas na porta do Banana Shopping pra dizer que a gente tem direito de beijar na boca aonde a gente quiser, e dizer “Uma Banana para a Homofobia”, não foi a AGLT, Ipê Rosa, Oxumaré, foi o Colcha de Retalhos. Em nenhum momento da história do movimento do estado de Goiás nós temos uma movimentação deste nível. Na época nós até brincamos dizendo que foi o Stonewall de Goiânia, aquele ato que nós fizemos na porta do Banana Shopping, colocar 150 pessoas, às 5 horas da tarde, em horário de pico, no centro da cidade, com cartazes na mão, apito na boca e balão, falando sou veado, sou sapatão, sou travesti, sou bissexual, sou heterossexual simpatizante e não aceito nenhum tipo de discriminação. Aquele ato é uma cena que não vai sair da minha memória de jeito nenhum como um dos principais atos do Colcha de Retalhos.

Numa perspectiva mais racional, a vinda do ENUDS para cá é reflexo dessa militância. A aprovação da candidatura de Goiânia para ser sede por unanimidade, por aclamação, a retirada da candidatura de Salvador, isso é uma resposta dessa comissão nacional que gira em torno do ENUDS à militância que vem sendo construída aqui. E depois do Colcha nós temos reflexos no Centro-Oeste. Hoje, se não me engano, só o Mato Grosso do Sul não tem grupo universitário organizado. O coletivo vem pautando nacionalmente as discussões, propondo políticas para esse movimento. Acho que tem uma atuação muito grande.

Tem coisas que eu num lembro agora... A realização de paradas dentro do campus, acho isso fantástico. As respostas de ataques vindos da internet. Colocar mais de 70 pessoas numa sala de aula e dizer que “estamos aqui sim e foda-se e me respeitem porque em nenhum momento eu fui desrespeitoso com você”.

Como no primeiro aniversário do Colcha, quando colocamos mais de 300 pessoas numa sala falando sobre sexualidade com a professora Mirian Grossi. A realização das calouradas, das PreParadas, das mesas que o Colcha convidado. Hoje o Colcha é referência em toda a militância que é organizada na UFG. Quando a gente teve o UFG EXCLUI, o grupo Canbenas (Coletivo de Alunos Negros Beatriz Nascimento), que faz a discussão racial, convida o Colcha para assinar um documento, junto a eles, que faz a discussão de cotas para negros e negras nas universidades, mostra o respaldo político que o Colcha tem nesses dois anos e meio de existência. Acho que daqui um tempo a gente vai poder pensar uma instância, na UFG, do antes e depois do Colcha de Retalhos. Como ele foi simbólico numa perspectiva de uma outra militância é possível. Como um outro processo de discussão com uma universidade é possível. Acho que temos esse enfoque.

VII – SIMÃO, membro do Colcha de Retalhos

1. O que é o Colcha de Retalhos?

O Colcha de Retalhos, para mim, é um coletivo de estudantes da Universidade Federal de Goiás, mas que engloba outros estudantes também, que não sejam na UFG, sejam de outros cursos e que não sejam universitários e que acreditem na proposta do grupo. Um grupo que discute gênero e sexualidade porque acredita não é possível discutir sexualidade sem discutir gênero também. E muitos de seus membros, a partir de uma perspectiva teórica *Queer* constroem

as ações. Mas trocando em miúdos, uma perspectiva teórica que não é identitária, mas que nós nos assumimos identitários apenas por uma perspectiva política. “Essencialismo de combate”, como eu ouvi há um tempo atrás. E por não ser identitário tenta não excluir as outras possibilidades que não se encaixem nessas identidades fixas de relações sociais, de práticas, de desejos e de outros.

Esse grupo, o Colcha de Retalhos, é um grupo universitário, mas é um grupo que tenta sair da universidade. Então eu o vejo como se fosse um projeto de extensão. Mas ele é mais do que isso. Porque não é só um projeto. Ele tem várias ações, várias articulações. Eu vejo como se a universidade estivesse saindo do seu encastelamento e buscando a sociedade para discutir esse assunto específico.

2. E por que você participa do grupo?

Eu me questiono porque eu faço parte do Colcha de Retalhos. É a partir de um sentimento próprio, um sentimento de bem estar que eu tenho neste coletivo, com estas pessoas. Mas porque eu me sinto bem? Eu me sinto bem porque há uma democracia interna no grupo.

O grupo, mesmo que ele se ponha como vanguarda no cenário nacional, no grupo não há vanguardismo. Porque uma pessoa não é melhor que a outra e sim a união de todas que forma um grupo. Não há ninguém substituível. Todas as pessoas são insubstituíveis no Colcha de Retalhos. Todas as suas contribuições são específicas e são distintas umas das outras e isso o transforma num grupo extremamente pluralista.

Não só essa perspectiva democrática eu acho interessante. É que a democracia pode ser a “maioriacracia”, como a democracia alemã que tinha 90% de apoio à democracia nazista, que não respeitava as minorias. Nós damos visibilidade a essas minorias sociais, como lésbicas, por exemplo, como mulheres, não só lésbicas, mas como mulheres. Elas têm o poder de fala. Quando elas falam, os homens, que historicamente eram os donos dos discursos, ficam calados para que as mulheres falem sim e a partir disso o incentivo que elas se empoderem. Nós não faremos o serviço, a luta que é delas, nós apenas as auxiliaremos para que elas construam isso. E isso pra mim é fantástico e é um dos motivos, especificamente, para que eu fique neste grupo e não em outro grupo, como um partido político ou uma ONG, ou seja lá o que for.

Além disso, temos as amizades que são construídas aqui no Colcha de Retalhos. Nós temos nossas festinhas, que são as “*Socializations*”, que é um momento bacana de diversão com a

gente, e também é um momento de atuação política, pensando a política num conceito maior, não só com aquelas intervenções com reivindicações, mas com intervenções mostrando o que nós somos, o que nós pretendemos ser, ou com nós nos divertimos. Isso pra mim é política também.

A partir do grupo eu consigo estabelecer relações com várias pessoas aqui dentro do coletivo. E a partir dessas relações eu consigo estabelecer amizades muito profundas. Porque são relações em que se estabelece uma sinceridade desde o início, acredito eu. E por isso elas começam e causam muitas afinidades. Acredito que elas já nascem um pouco desenvolvidas e eu acho isso muito interessante. E não só isso. Acho que nós podemos considerar as possibilidades de relacionamento sexuais que existem. É uma festinha, é um ato contra a homofobia ali, mas também é uma “trepadinha”, uma “acuenda”. E isso é fantástico. Acho que tenta buscar totalidade do ser humano. E é por isso que eu faço parte do Colcha de Retalhos e não consigo sair, já tentei, mas não consigo ficar longe por muito tempo.

3. Através de sua percepção, quais são os resultados das ações e da própria existência do grupo Colcha de Retalhos?

O grupo existe há pouco tempo, dois anos e meio. Mas a construção dos direitos humanos se dá no cotidiano e o Colcha de Retalhos consegue fazer isso, sem revolução, mas com resistência. E como o coletivo tem aquela perspectiva do respeito às minorias, eu vejo que o Colcha consegue defender a totalidade dos direitos humanos, porque dentro do grupo há várias pessoas que estudam raça, que estudam classe, que estudam gênero, o combate ao machismo, racismo, a desigualdade social e é a partir da intersecção de sexualidade e todas essas áreas que eu vejo que a totalidade e a indissociabilidade entre os direitos humanos é respeitada pelo grupo.

Nas ações cotidianas em que nos envolvemos, como um ato contra a homofobia de um shopping, um *advocacy* na Câmara dos Vereadores para que se aprove uma lei anti-discriminização, uma lei que abarcava gênero, sexualidade, portadores de necessidade especiais, raça, enfim.

4. Você acha que o Colcha de Retalhos constrói cidadania homossexual dentro e fora da UFG?

Os resultados que eu vejo não são especificamente do Colcha de Retalhos, ou a partir da minha atuação no grupo, mas são resultados de um ambiente todo favorável, não só para o

coletivo, mas para outros que discutem gênero, como o Transas do Corpo ou as outras ONGs daqui de Goiás. As Paradas, as políticas da visibilidade. Todas criam um ambiente favorável para a construção cotidiana dos direitos específicos da sexualidade. Cada vez que a Frente Parlamentar da Livre Expressão da Sexualidade fica maior, mais forte, essas discussões estão entrando em mais lugares.

A nossa atuação plural se dá porque nós somos um coletivo plural também. E um coletivo que se dá em vários espaços e atuações plurais em espaços plurais. E isso é muito bacana, muito interessante. E eu vejo que a cada dia nós podemos mais. Os espaços, a territorialidade, estão mais favoráveis para a livre expressão sexual, mas não só para a livre expressão sexual, mas para as expressões de gênero e sexualidade.

ANEXOS

ANEXO A

Carta de Princípios do Colcha de Retalhos

O grupo colcha de retalhos, criado por estudantes da Universidade Federal de Goiás, é autônomo, independente, suprapartidário e laico.

1. O grupo COLCHA DE RETALHOS — A UFG SAINDO DO ARMÁRIO tem uma perspectiva de discussão e intervenção no combate a homofobia, lesbofobia, transfobia, na luta pela liberdade de orientação afetivo-sexual e identidades de gênero dentro e fora da Universidade Federal de Goiás (UFG).

O Estado brasileiro é laico e todos os indivíduos são iguais em direitos segundo a Carta Magna (Constituição) e a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Não obstante o aspecto legal e sociocultural, os indivíduos são autônomos em relação aos demais, estando aptos, assim, a desenvolverem sua sexualidade livremente.

A Universidade Federal de Goiás, por estar inserida em tal contexto e, ainda, por ser uma instituição com princípios de universalidade, deve ser ambiente de construção contínua do respeito as mais diversas manifestações humanas. Em relação à sexualidade, deve compreender neste um dos aspectos que compõem os indivíduos e suas manifestações.

Por não perceber o respeito à individualidade de cada cidadão, em se tratando da sociedade, e de cada membro da comunidade universitária, é que o grupo COLCHA DE RETALHOS atua.

2. O grupo COLCHA DE RETALHOS não é restrito a gays, lésbicas, travestis e transexuais. É aberto a todas (os) que lutam contra a discriminação e preconceito, em especial aos de orientação afetivo-sexual e identidades de gênero.

O nome “COLCHA DE RETALHOS” refere-se a um grupo constituído por indivíduos de origem, concepção político-ideológica, orientação afetivo-sexual e identidades de gênero distintas. A união dessas pessoas, com base no primeiro princípio, assegurando-se sua individualidade, cria um ambiente diverso em que as inúmeras expressões não-homogêneas podem dialogar entre si.

O subtítulo “A UFG SAINDO DO ARMÁRIO” contempla a necessidade de questionamento de toda a comunidade universitária acerca do tema, não apenas guetos dentro desta. O grupo luta pela diversidade, sem as armadilhas do que se vislumbra como falsa ou parcial inclusão de grupos contra-hegemônicos.

É fundamental o diálogo com pessoas que não se sentem nessas ou em quaisquer categorias não anunciadas neste princípio, pois a discussão é de todas (os).

3. O grupo pretende dialogar com todas as organizações dentro da UFG que lutam a favor da diversidade, não só sexual, e contra todas as formas de preconceito.

Além do diálogo com todos os indivíduos anunciado no segundo princípio, a junção de forças com grupos diversos que promovam discussão e luta contra o preconceito, discriminação e todos os discursos e práticas coercitivas, restritivas e impositoras é necessária para que o grupo COLCHA DE RETALHOS deixe a causa evidenciar-se.

Percebendo outros grupos e a demanda de discussão e militância dentro da Universidade, o grupo mantém-se aberto a alianças. A aglutinação, temporária ou

permanente, de forças localizadas é incisiva e pode combater a discriminação e o preconceito.

4. Dialogar com grupos de outras Universidades que promovam a discussão e intervenção no combate a homofobia, lesbofobia, transfobia e luta pela liberdade de orientação afetivo-sexual e identidades de gênero.

O grupo COLCHA DE RETALHOS considera necessária a articulação regional e nacional de grupos com as mesmas discussões e práticas, a fim de executar o objetivo de luta contra a discriminação e preconceito. Nesse sentido, construir e participar de espaços, em especial na Universidade, é fundamental para o fortalecimento da luta.

5. Dialogar com organizações da sociedade exteriores à Universidade que promovam a luta pela liberdade de orientação afetivo-sexual e identidades de gênero.

O COLCHA DE RETALHOS reconhece um contexto intolerante, homofóbico, lesbofóbico e transfóbico na Universidade. Contudo, em âmbito geral, na sociedade, verificam-se agravantes que demandam uma atenção distinta fora do meio acadêmico. Para essa atuação, é preciso fomentar parcerias com organizações da sociedade civil que objetivem a liberdade de orientação afetivo-sexual e identidades de gênero. Dentre essas estão as organizações não-governamentais que trabalham com o público gay, lésbico, bissexual, travesti, transexual e transgênero (GLBT) e executam campanhas de prevenção, combate e suporte em relação a Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs) e AIDS.

6. Promover ações sistemáticas a respeito das temáticas de atuação do grupo COLCHA DE RETALHOS

A discussão acerca da diversidade sexual promovida pelo grupo COLCHA DE RETALHOS intenciona formação e conscientização de indivíduos e grupo, além de sensibilização e suporte.

Concomitantemente ao debate, várias ferramentas podem ser utilizadas a fim de expor a causa. A intervenção política dentro e fora da Universidade é um dos elementos norteadores do grupo.

Por localizar-se dentro da Universidade, o grupo COLCHA DE RETALHOS tem acesso a diversas fontes teóricas que potencializam o debate que executa. A diferenciação do grupo ante os demais grupos de discussão acadêmicos e estritamente teóricos é justamente a postura de militância.

A manifestação individual ou coletiva faz do COLCHA DE RETALHOS um movimento político configurado em quatro aspectos fundantes: sensibilização, formação, intervenção e suporte.

7. Denunciar e combater posturas e atitudes homofóbicas, lesbofóbicas e transfóbicas

O grupo COLCHA DE RETALHOS promoverá, por meio de parcerias e de ações incisivas, a luta contra o preconceito e discriminação, recorrendo a espaços de denúncia e/ou criando-os. A esfera jurídica é uma das vias pelas quais os direitos do público GLBT devem ser legitimados, além da interferência formal ou informal dentro de espaços onde não há instâncias de denúncia específicas, como na Universidade.

ANEXO B

Direitos conquistados por homossexuais em alguns países:

- Casamento Civil (locais onde pela lei geral é possível que pessoas do mesmo gênero se casem): África do Sul (2006); Espanha (2005); Canadá (2005); Bélgica (2004); Holanda (2001).
- União Civil Registrada (locais onde pela lei geral a união estável entre duas pessoas do mesmo gênero é reconhecida legalmente com obrigatoriedade de registro, mas com uma lei diferente do casamento civil): Cidade do México (2006); Irlanda (2006); Eslovênia (2006); Reino Unido (2005); Suíça (2005); Luxemburgo (2004); Áustria (2003); África do Sul (2002)
- O Tribunal Constitucional obrigou o governo a legislar sobre o Casamento Civil em 2006; Finlândia (2002); Alemanha (2001); França (1999); Bélgica (1998) - entretanto aprovou Casamento Civil; Holanda (1998) - entretanto aprovou Casamento Civil; Reino Unido (1997) - para efeitos de emigração; Groelândia (1996); Islândia (1996); Suécia (1995); Noruega (1993); Dinamarca (1989); a Colômbia está em processo legislativo, tendo sido aprovada no Senado o Projeto de Lei 130 em Outubro 2006.
- Leis de Coabitação Não Registrada (locais onde pela lei geral a união estável entre duas pessoas do mesmo gênero é reconhecida legalmente, mas sem necessidade de registro prévio): Nova Zelândia (2005); Andorra (2005); Croácia (2003); Portugal (2001); Suécia (1998); Hungria (1996); Israel (1994).
- Locais onde é possível pela lei geral que pessoas do mesmo gênero co-adotem uma criança: Islândia (2006); Bélgica (2006); Espanha (2005); Canadá (2005); Holanda (2003).
- Locais onde duas pessoas do mesmo sexo co-adotaram uma criança recorrendo à via judicial: Brasil (2005); Israel (2005); França (2006).
- Leis Anti-Discriminação: Portugal – Constituição (2004) e Código do Trabalho (2003); República da Irlanda - Lei anti-discriminação (2000) e Código do Trabalho (1998); África do Sul (1996) – Constituição; Noruega (1981).
- Reconhecimento para efeitos de Segurança Social: Serviço Militar (locais onde uma pessoa abertamente homossexual pode ingressar no serviço militar): Israel, Canadá. Nota: A Argentina, em agosto 2006, propôs alteração do código militar em que se prevê serem retiradas todas as limitações relativas à vida privada dos integrantes das fileiras.

Anexo C

37 direitos negados aos homossexuais:

- Não podem aceder ao casamento civil.
- Não têm reconhecida a união estável.
- Não adotam sobrenome do parceiro.
- Não podem somar renda para aprovar financiamentos.
- Não somam renda para alugar imóvel.
- Não inscrevem parceiro como dependente de servidor público (admissível em diversos níveis da Administração).
- Não podem incluir parceiros como dependentes no plano de saúde.
- Não participam de programas do Estado vinculados à família.
- Não inscrevem parceiros como dependentes da previdência (atualmente aceito pelo INSS).
- Não podem acompanhar o parceiro servidor público transferido (admissível em diversos níveis da Administração).
- Não têm a impenhorabilidade do imóvel em que o casal reside.
- Não têm garantia de pensão alimentícia em caso de separação (posição controversa no Judiciário, havendo diversos casos de concessão).
- Não têm garantia à metade dos bens em caso de separação (quanto aos bens adquiridos onerosamente, têm direitos, pois constituíam sociedade de fato. Contudo, não há que se falar em meação de bens).
- Não podem assumir a guarda do filho do cônjuge.
- Não adotam filhos em conjunto.
- Não podem adotar o filho do parceiro.
- Não têm licença-maternidade para nascimento de filho da parceira.
- Não têm licença maternidade/ paternidade se o parceiro adota filho.
- Não recebem abono-família.
- Não têm licença-luto, para faltar ao trabalho na morte do parceiro.
- Não recebem auxílio-funeral.
- Não podem ser inventariantes do parceiro falecido.
- Não têm direito à herança (precisam de previsão testamentária, mas quanto aos bens adquiridos

onerosamente durante a convivência, há sociedade de fato, recebendo o sobrevivente a sua parte).

-Não têm garantida a permanência no lar quando o parceiro morre.

-Não têm usufruto dos bens do parceiro (precisam de previsão testamentária).

-Não podem alegar dano moral se o parceiro for vítima de um crime.

-Não têm direito à visita íntima na prisão (visitas autorizadas por grande parte do Judiciário).

-Não acompanham a parceira no parto.

-Não podem autorizar cirurgia de risco.

-Não podem ser curadores do parceiro declarado judicialmente incapaz (grande parte do Judiciário admite o exercício da curatela pelo parceiro, mas não é possível que este promova a interdição).

-Não podem declarar parceiro como dependente do Imposto de Renda (IR).

-Não fazem declaração conjunta do IR.

-Não abatem do IR gastos médicos e educacionais do parceiro.

-Não podem deduzir no IR o imposto pago em nome do parceiro.

-Não dividem no IR os rendimentos recebidos em comum pelos parceiros.

-Não são reconhecidos como entidade familiar, mas sim como sócios.

-Não têm suas ações legais julgadas pelas varas de família.

Anexo C

Fotografias de atividades e reuniões do coletivo Colcha de Retalhos 2005.



Ilustração 1 – Festa no V Encontro Nacional Universitário de Diversidade Sexual. Outubro de 2007 – Goiânia-GO



Ilustração 2 – Concentração do Beijação no Centro de Convivência, campus 2 da UFG. Junho de 2005



Ilustração 3 – Ato “Uma Banana para a Homofobia”. Agosto de 2006. Goiânia-GO